



LACAN

*topologia
e tempo*

1978-1979

Tabela de sessões

21 de novembro de 1978
12 de dezembro de 1978 19
de dezembro de 1978 09 de
janeiro de 1979 16 de janeiro
de 1979 20 de fevereiro de
1979 13 de março de 1979
20 de março de 1979

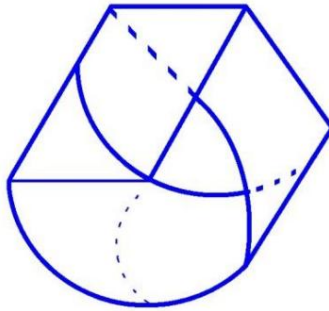
08 de maio de 1979 A. Didier-Weill
15 de maio de 1979 JD. Nasio, JM. Vappereau

21 de novembro de 1978

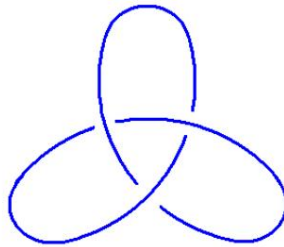
[Tabela de sessões](#)

Há uma correspondência entre topologia e prática.
Essa correspondência consiste em tempos.
A topologia resiste, é nisso que existe a correspondência.

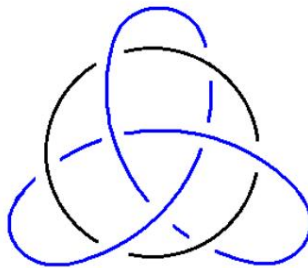
Há uma faixa de Moebius que desenhamos:



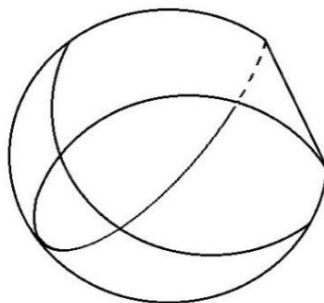
Isso é chamado de banda tripla. Podemos notar que essa banda tripla, o que a caracteriza é que ela possui arestas e que suas arestas são aproximadamente assim:



Suas bordas são estas:



para colocar melhor:

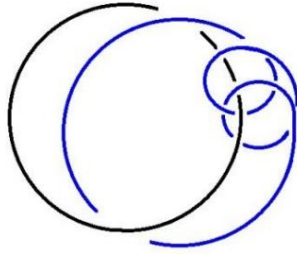


Se você dobrar essas bordas, obterá algo parecido com isto:

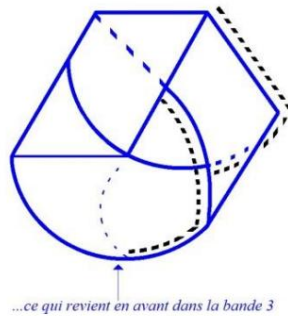
E o círculo preto então assume esse aspecto. É mais ou menos isso que dá.

Aqui o círculo preto é branco. *[Lacan aponta para um círculo de barbante branco passando dentro de um enrolamento de barbante amarelo].*

Aqui, eu passo para você.



Existe uma maneira - esta fita - para cobri-la *[linhas pontilhadas]* :



Depois disso, ele vai atrás da próxima banda.

Mas o que você tem que ver é que o que vai atrás da próxima faixa é precisamente o que volta na frente da faixa 3, depois do que ele volta atrás do que está inscrito ali, quero dizer, atrás da faixa de Moebius. Por isso volta para a frente.

Então o que temos é - para a

frente: 1, 3, 5,

— atrás: 2, 4, 6,

...6 que une o 1.

Isso é o que eu tenho - da *fita de embrulho* - marcado *[em linhas pontilhadas]*.

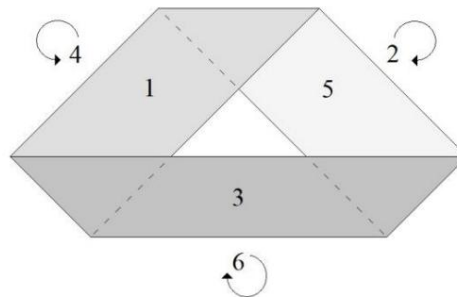
Você pode manipulá-lo e até cobrir a banda tripla com ele.

Aqui você tem outra cópia do que eu chamei por enquanto como a “*tira envolvente*”.

Você pode ver a identidade com ...

O que chama a atenção é que uma *tira de Moebius* normal ...

aqui está um exemplo:



...uma tira de Moebius normal - ou seja, uma *tira de Moebius* como esta - também tem 1 e 2 e 3 e 4 no mesmo lugar:

— todos aqueles: 2, 4, 6, estão atrás,

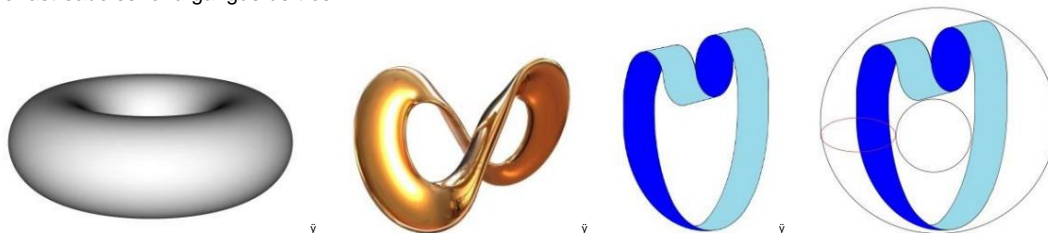
— e estes: 1, 3, 5, estão na frente.

Aqui está o 1, ele passa atrás aqui no 2 e passa na frente no 3. No 4 ele passa atrás, o que permite que ele volte na frente no 5 e passe atrás para se juntar ao 1 pelo que se chama 6 .

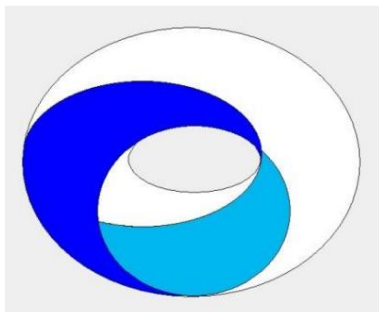
A faixa envolvente tem, portanto, duas arestas na *faixa de Moebius* em 3.
O que você pode ver facilmente na fita que estou circulando agora.
Este é um ponto importante, você poderá conferir no que te enviei há pouco.
Há algo em comum entre todas as *tiras de Moebius*, mesmo que apenas essa alternância.

É possível - é certo... - cortar as tiras de Moebius?
Não só podemos cortar cada um, mas também podemos cortar o que chamo de forro.
Qual é o forro?

Pode haver um forro por conta própria. Mas, neste caso, é necessário cortar a tira de Moebius, a tira de Moebius que é, em suma, a alma do caso.
Existe uma maneira de desenhar uma tira de Moebius em um toro.
É assim que é rastreado se for a gangue de três.



É necessário para isso apertar o toro e fixar as duas superfícies que são as do toro. A ¹.
face interior desaparece, é amortecida, esmagada.
Também é fácil fazer com o toro *uma tira de 3...*
o que eu quis dizer é que também era fácil fazer *uma tira em 1*.



Há ainda uma lacuna entre a psicanálise e a topologia.
O que eu procuro é - essa lacuna - preenchê-la.
A topologia é exemplar, permite na prática fazer um certo número de metáforas.

Existe uma equivalência entre estrutura e topologia.
Esse é o "Aquilo" que está em questão em Groddeck, é isso que é "Aquilo".

Você tem que se orientar na estrutura.
Não são apenas nós borromeanos.
Para generalizar o que chamamos de nós borromeanos, pode
haver uma maneira de fazer as coisas que não faça com que um nó seja, cortando um, liberto de todos os outros.

Existe alguma maneira de especificar que cortar 2 de 5 é exatamente
o que requer que os 3 restantes sejam livres.
Isso é chamado de generalização dos nós borromeanos.

Ao cortar 2 de 5, os outros 3 são gratuitos.
Vou tentar dar um exemplo até o final do ano.
Bem, eu falei por uma hora. Obrigado pela sua atenção.

¹ Cf. "L'étourdit": "Agora vem um pouco de topologia. », Scilicet n° 4, Seuil, 1973, p. 26

12 de dezembro de 1978

[Tabela de sessões](#)

Aventurei-me a anunciar que talvez tome um exemplo do que se chama " o *borromeano generalizado* ", ou seja, direi como se pode fazer *borromeano*, quero dizer, a partir de que momento o *borromeano* se torna um número de cinco círculos, já que no Borromeu se trata de círculos.

O borromeano generalizado, eu havia anunciado para dois círculos retirados de cinco.

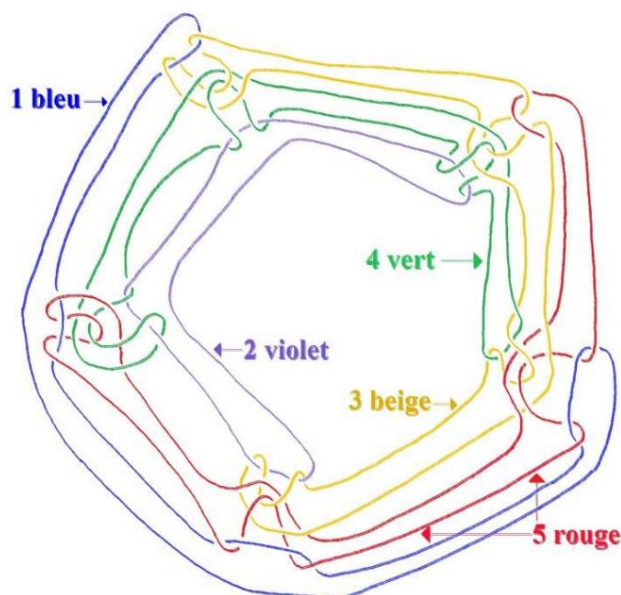
A solução foi-me entregue por duas pessoas, nomeadamente - a senhora

deputada Parizot, que espero esteja aqui,

— e um homem chamado Vappereau que também queria contribuir para esta solução.

Não há nada mais fácil do que fazer Borromeu, — isto é, desencadear, — isto é, liberar 5 círculos.

Aqui está 1, aqui está 2, aqui está o 3º, aqui está o 4º e aqui está o 5º .



Este é o 3º, este é o 2º .

O 2º é roxo, o 3º é bege, o 4º é verde e o 5º é vermelho .

A maneira de liberar dois círculos desses cinco é bastante clara.

As pessoas que se envolveram nisso queriam dizer como é possível: é possível de dez maneiras.

Basta soltar, ou seja, cortar o 1 e o 2, o 1 e o 3, o 1 e o 4, o 1 e o 5, os outros três são desencadeados, como é fácil ver o fato de que essa violeta, por exemplo, se esvai até ser reduzida a algo que vem ali.

Esse *violeta* se reduz a *esse algo* que desliza até lá e que, por falta do 5, se desfaz *do verde, do bege e do violeta*.

Isso é livre, esses três, já que estamos lidando aqui com círculos, esses três círculos são livres um em relação ao outro.

Verde, roxo e bege são livres em relação ao roxo, ou seja, aquele

— o verde desvenda, — o

bege também desvenda,

— e o roxo aqui também se desfaz.

É fácil ver que desatando o 2 associado ao 3, o 2 associado ao 4, o 2 associado ao 5, teremos o mesmo resultado.

O 3 associado ao 4 e o 3 associado ao 5 terão o mesmo resultado, o 4 associado ao 5 também terá o mesmo resultado.

Existem, portanto, 10 *maneiras de seccionar* 1 desses círculos que são 5, para seccioná-lo de tal forma que o resultado seja alcançado.

Aprofundi minha investigação, ou seja, questionei um grupo de 6 círculos, questionei como se obtém um borromeano generalizado cortando três deles.
Na verdade, existem 35 maneiras de fazer isso.

Para isso, seria necessário, da mesma forma que fizemos esses 5 círculos, produzir um 6º.
Desta forma, eu te isento disso, porque seria um pouco forçado.
Mas é possível construí-lo.

Entre as 35 maneiras de cortar os 3 círculos obtendo este nó que chamo de Borromeu porque é simbolizado a partir de três, ou seja, os três são desatados quando retiramos um...
basta cortar um para os outros três serem desamarrados.

No Borromeu com 6, basta também cortar 1 para que os 6 sejam desamarrados.
Eu especifico que existem 10 maneiras de desatar 5 círculos e que existem 35 maneiras de desatar 6 círculos cortando 3.
Talvez eu distribua o que foi obtido esta manhã por Soury2 que teve a gentileza de cuidar da fotocópia de uma foto colorida, ou seja, as cores não aparecem, mas cortando três desses círculos, podemos ver que os outros estão livres.

É preciso algum cuidado para colorir cada um desses círculos, mas você pode ver que funciona.
Isso supõe que removemos primeiro 2 e depois um 3º.
É no 3º andar que cada um desses círculos seja livre.

Você é Vapereau? Estou te ouvindo.

Bravo navio

Você comete um erro ao contar as diferentes maneiras de desatar a corrente em 6 cortando 3.
Você deu o resultado para a cadeia em 7 cortando 4, ou seja, 35.

Lacan: Eu disse que cortando 3 de 6, obtemos uma cadeia borromeana...

Vappereau: Você diz que existem 35 maneiras de fazer isso, mas existem apenas 20.

Lacan

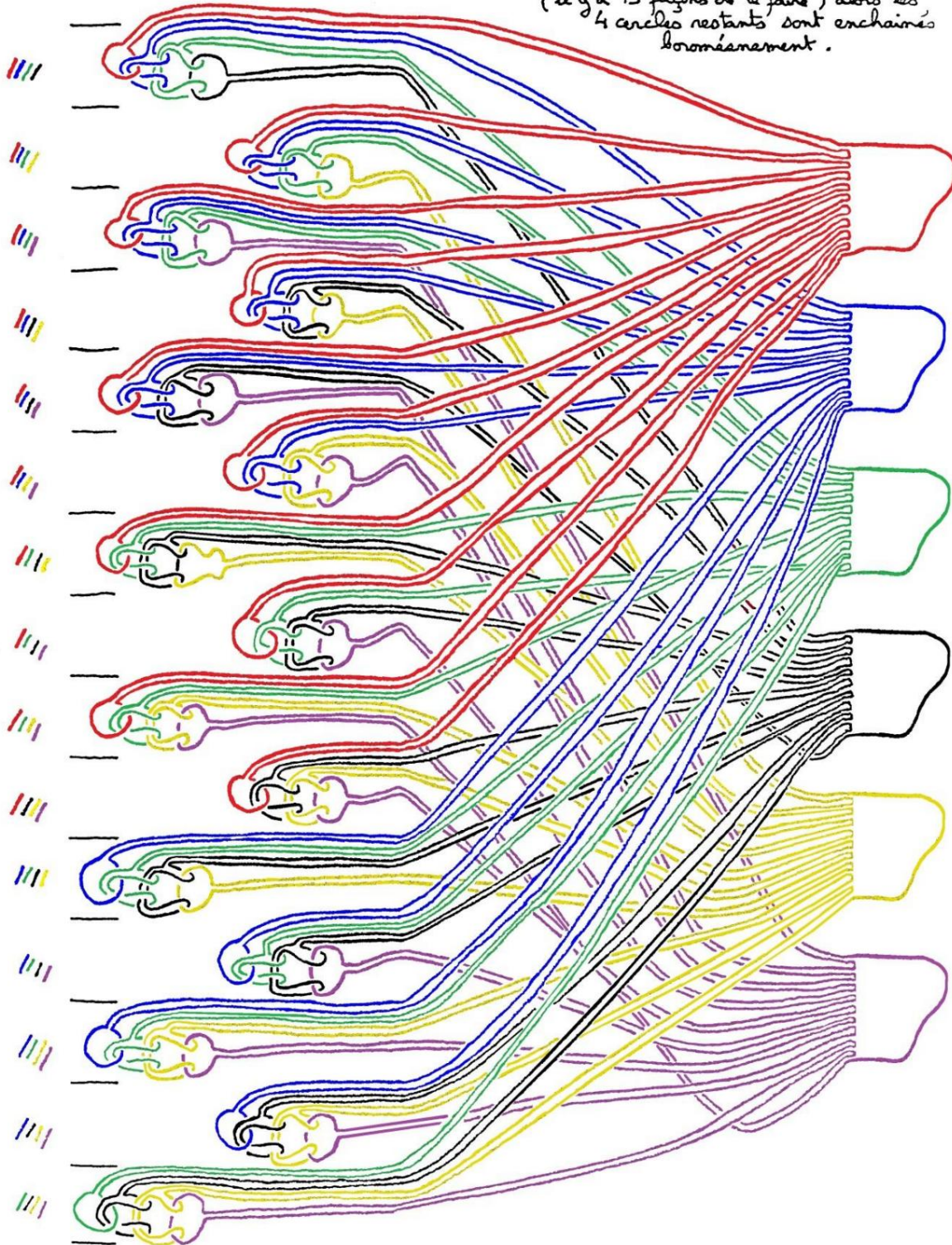
Sim, é verdade que existem apenas 20.
É verdade que existem apenas 20 e que, portanto, eu estava errado.

Só me resta pedir desculpas por isso e prometer que da próxima vez não falarei com você sobre os círculos.

Bem adeus!

texte 83

Chaîne à 6 cercles, telle que chaque fois qu'on enlève 3 cercles (il y a 20 façons de le faire) alors les 3 cercles restants ne sont pas enchaînés. Cela implique que chaque fois qu'on enlève 2 cercles (il y a 15 façons de le faire) alors les 4 cercles restants sont enchaînés
bromésimement.



19 de dezembro de 1978

[Tabela de sessões](#)

Eu aviso logo que não farei meu seminário.
Eu aviso porque em casa esta manhã houve um apagão.
As Luzes, como dizem, ou seja, a luz elétrica, não acendiam mais.

Naturalmente a Glória aqui presente me ajudou: ela me trouxe velas, o que hoje chamamos de velas.
O que Gloria tem a ver com meu ensino, ou seja, com o que
estou ensinando este ano sobre topologia e tempo?

Ela me ajuda, ela me ajuda a cortar os barbantes quando eu tenho que fazer círculos de barbante.
Anéis de barbante são teóricos, têm a ver com círculos, círculos flexíveis e até elásticos, você pode imaginar.
Mas a imaginação não vai longe.

A topologia é imaginária.
Levou seu desenvolvimento apenas com a imaginação.

Há uma distinção a ser feita entre o *Imaginário* e o que chamo de *Simbólico* :
– o *simbólico* é a fala. – o *imaginário*
é distinto dele.

Existem superfícies que são ocasionalmente sem limites: um toro, por exemplo, é uma superfície sem limites.
No entanto, um toro pode ser achatado e, se o achataremos, forma uma superfície com arestas.

É por isso mesmo que o toro pode ser usado para fazer uma tira de Moebius.
Isto é o que parece. Isso é uma tira de Moebius, desde que você a achate.
Mas podemos inflar essa superfície, e nesse caso ela refaz um toro.



O fato é que o toro e a faixa de Moebius são distintos.

[últimos minutos do seminário inaudíveis devido à ausência de sistema de som]

9 de janeiro de 1979

[Tabela de sessões](#)

Não há relação sexual, foi o que eu disse.

O que compensa isso, porque é claro que as pessoas...
o que é chamado tal, ou seja, seres humanos
...as pessoas fazem amor.

Há uma explicação para isso: a possibilidade...
note que " *o possível* " é o que definimos como " *o que deixa de ser escrito* "
...a possibilidade de um 3º sexo.

Por que existem 2 além disso, é difícil de explicar.
Isto é o que é evocado no duplo de Eva, a saber, Lilith.
A evocação, porém, não é uma coisa precisa.

É precisamente da precisão, isto é, do *Real*, que relatei sonhando com o que está envolvido no *nó borromeano*.
O nó borromeano tem a consistência de se imaginar.
Qual é a diferença entre o *Imaginário* e o que se chama de *Simbólico*, ou seja, a linguagem.

A linguagem tem suas leis das quais a universalidade é o modelo, a particularidade não menos.
O que o *Imaginário* faz, ele imagina o *Real* : é um reflexo.
A reflexão é devida ao espelho, portanto é no espelho que se exerce uma função.

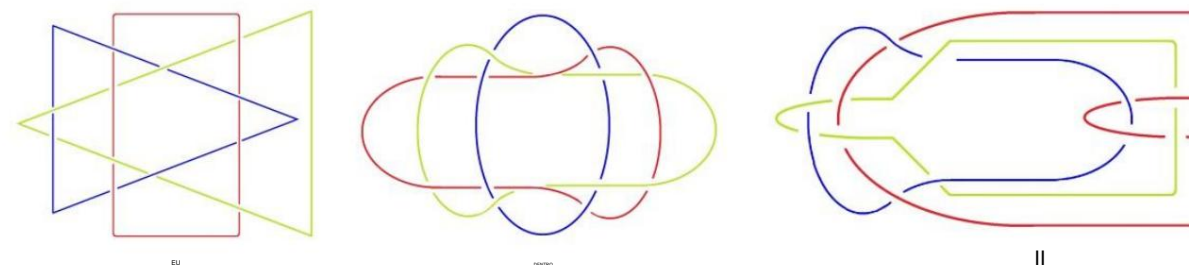
O espelho é o mais simples dos dispositivos.
É uma função natural.

É curioso que eu tenha escolhido o nó borromeano para fazer algo com ele.
Mas o nó borromeano tem a propriedade de podermos começar com qualquer nó.
Ao contrário, este (I): não se pode começar com qualquer um.

Se começarmos por este (o verde), há um obstáculo.
Ela faz uma trança como mostra o desenho da esquerda (III), mas se puxarmos essa para a direita, são as outras
duas que são puxadas e não sabemos o que pode resultar desse treinamento.
Enfim, esses são os outros dois.

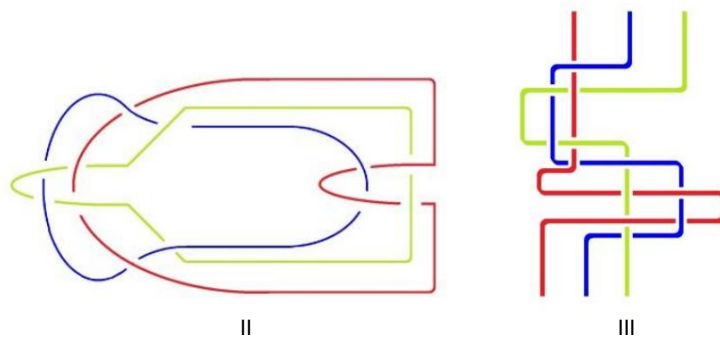
É o mesmo caso para este (II) e é por isso que o que está lá não pode ser usado para simbolizar o *Imaginário*, o *Simbólico* e o *Real*. Pois o que é simbolizado no *Imaginário*, no *Simbólico* e no *Real* é o interior do círculo (V), é o campo interior do círculo, o campo: campo

Portanto, trata-se de uma metáfora. Seria muito mais difícil instalar uma metáfora neste desenho (I) do que neste (V), ainda mais no 3º desenho (II).

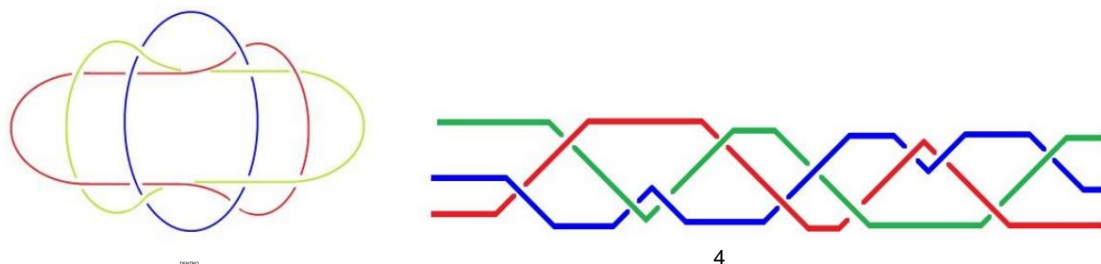


Porque o terceiro desenho (II) parece mais complicado, mas é a mesma coisa.
É o mesmo dado que o vermelho tem ali uma inflexão que poderia permitir regularizar, fazer o desenho da esquerda (I) encaixar no desenho da direita (II).

A diferença é que este (II) fica com aquele (III)



e que este (V) é trançado como aquele (IV):



A metáfora do nó borromeano em seu estado mais simples é imprópria.

É um abuso de metáfora, porque na realidade não há nada que sustente o *Imaginário*, o *Simbólico* e o *Real*.

Que não há relação sexual é o que é essencial para o que estou afirmando.

Que não há relação sexual porque há um *Imaginário*, um *Simbólico* e um *Real*, é o que não ousei dizer.

Eu disse isso de qualquer maneira.

É bastante óbvio que eu estava errado, mas eu escorreguei para ele... eu simplesmente escorreguei para ele.

É chato, é ainda mais do que chato.

É ainda mais chato porque é injustificado.

É o que me parece hoje, é ao mesmo tempo o que te confesso. Bom !

16 de janeiro de 1979

[Tabela de sessões](#)

Estou bastante aborrecido com o que lhe anunciei da última vez, ou seja, que precisamos de um terceiro sexo. Este terceiro sexo não pode subsistir na presença dos outros dois. Existe um forçamento chamado iniciação.

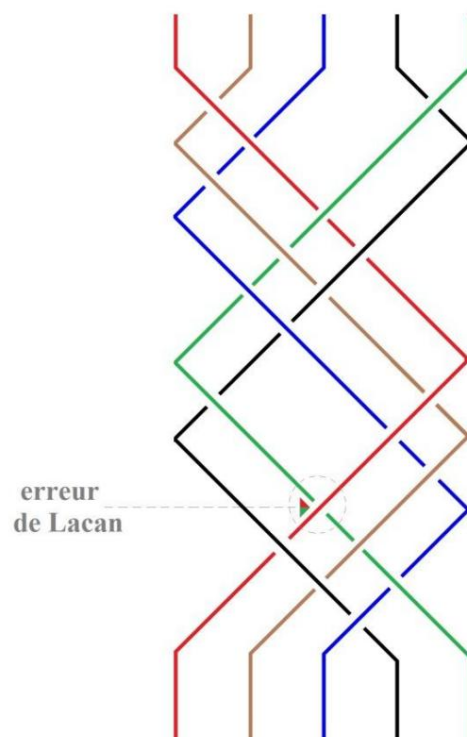
A psicanálise é uma anti-iniciação.
A iniciação é aquela pela qual se ascende, se assim posso dizer, ao Falo.

Não é fácil saber o que é iniciação ou não.
Mas, finalmente, a orientação geral é que o falo, integre-o.
É necessário que, na ausência de iniciação, seja um homem ou uma mulher. Bom.

Vou falar sobre algo que é uma trança de cinco.

Você vê aqui há dois que ele cruza em cima e dois que ele cruza em baixo.
Esta sequência deve ser repetida, ou seja, aqui (parte inferior do diagrama de trança)

Podemos ver aqui em nosso desenho duas vezes reproduzido que há um enredo que diz respeito....
Bem, é irritante que eu fique confuso, mas devo dizer que devo admitir que fico confuso.
Bom. Isso será suficiente por hoje.



20 de fevereiro de 1979

[Tabela de sessões](#)

Lacan

Estou aborrecido por causa do borromeano generalizado.

Eu não posso acreditar que [nós Borromeanos] generalizados são:

– 4 menos 2, –
5 menos 3, – 6
menos 4, – 7
menos 5, – 8
menos 6.

Não posso acreditar porque em todos esses casos há 2 de diferença e isso implica que tomá-los 2 por 2 é neutro, que tomá-los 3 por 3 é borromeano.

Tenho a sensação de que a generalização do borromeano deve se estender a 4 e até - por que não - a 5.

Então não teria que haver diferença.

A questão é se tudo é neutro antes de 4 e até 5.

Então, hoje vou reservar esta pergunta e espero trazer algo para você na próxima vez.

Porque é fato que o Borromeu generalizado sempre tem uma diferença de 2

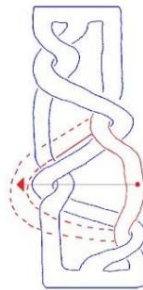
e que o borromeano generalizado teria que proceder de forma diferente.

Hoje eu gostaria de desenhar outra coisa para você, ou seja, uma tira de Slade.

Curiosamente, é a mesma tira que esta, que se vê dobrando-a primeiro para baixo, isto permite dobrar esta para baixo e isto resulta, ao mesmo tempo, em tornar isto idêntico a isto.

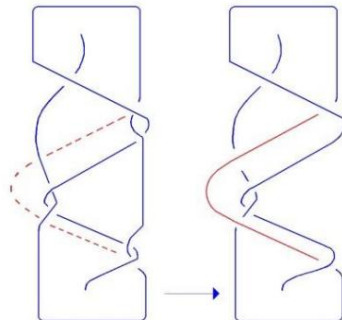


isso = isso



se você dobrar isso

Em outras palavras, dobrando isso, isto é, isso, permite que você, este, volte a dobrá-lo de tal maneira que seja igual a isso, ou seja, aos 6 cruzamentos dessa figura, enquanto isso um tem 8.



Talvez isso me ajude a resolver a questão do borromeano generalizado.

Perguntas

Faça uma pergunta.

Sra. Mouchonnat:

Desculpe-me, senhor, por lhe fazer uma pergunta no meu estilo, ou seja, bastante ingênuo, acho que não sou o único aqui, aliás, mas você responderá se achar que vale uma sentença, é uma pergunta que, para mim, é válida.

Estamos em 6 e 8, mas estou completamente sobrecarregado... Até 3, tudo bem!
Faço-me a pergunta, para dizer a verdade, já que o senhor [...]

X

[...] propusemos, há pouco tempo, há cerca de dois seminários, que talvez a metáfora do nó borromeano, ou seja, o 3...

vou parar por agora

...não é adequado para relatar ROI

Então eu não sei o que acontece com meus camaradas, me tocou muito, me pareceu extremamente importante, acho que até poderíamos dizer que há o suficiente para parar de dormir, o que talvez não seja ruim.

Então aqui vão algumas das minhas reflexões: o nó borromeano, como tudo que Lacan traz, é necessário...
de qualquer forma, é assim que é para mim
...demoro alguns anos para entender, para ouvir...

Bem, passei a entender um pouco o que é o nó borromeano e, de qualquer forma, para mim, é útil para mim na análise. É uma média.

Minha coisa não é matemática, não me importo com isso como minha primeira liqueta, diria até mais!
Mas é um meio para um fim, ou seja, me permite me desvencilhar melhor do que é a psicanálise.
Então o interesse do nó borromeano é que é uma forma de escrever o RSI

Basicamente - bem, eu lembro - há três círculos que estão presos, no meio há um buraco: é o *pequeno* a.
Mas eles se ligam de uma certa maneira, isso é muito importante - não é? –
Acredito que desde o momento em que nos disseram isso, até agora está feito, o trabalho de ter apreendido...

Mesmo assim, quero dizer uma coisa, é isso sobre o nó borromeano, o interesse que Lacan despertou em mim, com tudo isso, vejo em dois níveis: primeiro ele nos fez uma demonstração que durou, que dura, que é uma demonstração real, quer dizer, colide com o Real, se enrola, mostra pra gente, eu diria até que dá *uma certa complacência nisso*, e acho que é uma lição, bom pra mim, isso é.

O segundo nível me interessa porque, como disse, me ajuda a trabalhar em psicanálise.
Então, voltando às nossas ovelhas, eu diria que é uma história de carneiro, basicamente, reconheço ali uma história de carneiro, ou seja - o corpo primordial que incorporamos, como todos sabem,
cuja origem talvez seja mítico,
enfim prefiro colocar do lado do R, do Real,
– e depois há, segundo, é o "Você deve uma vida ao seu pai", o S mais ou menos...

Não, claro, eu estava errado para o primeiro, é o *Imaginário* que eu quis dizer, o carneiro, o *corpo imaginário*.

– e depois o Simbólico do lado de Jeová: "Você deve a morte a Deus". Que deus, tanto faz!
A questão de deus surge para todos, como todos sabem, até para os ateus.

Bom, então, para mim serve-me o nó borromeano.
Devo dizer que quando Lacan nos disse, 2 ou 3 sessões atrás, que talvez essa metáfora não seja apropriada, realmente me aborreceu. Então, lá vai, eu disse para mim mesmo: " *não cabe* ", o que isso significa?

Finalmente ele disse algo...

Não encontrei minhas anotações, emprestei para alguém, não consegui revisar exatamente
...mas era alguma coisa, bem havia um adjetivo em "capaz" como " *não serve* ", talvez fosse outra... digamos " *injustificável* "?

Então, é injustificável, eu disse para mim mesmo: por que é injustificável?

Injustificável, significa que nossa demonstração não se encaixa bem, nosso modelo que propusemos...

Digo nós porque participamos de seu seminário, e mesmo depois de alguns anos

Acho que participamos do seminário dele, por isso me permito falar

... bem, então é "injustificável"

- porque este modelo não é adequado, cometemos um erro em algum lugar, como sabemos que cometemos, é para ser revisto, para voltar um pouco,
- ou então, realmente não pode ser adequado, esse modelo não pode ser adequado?

Então aí está, minha pergunta chega a isso - para mim é uma pergunta importante.

Ele disse: essa metáfora é, digamos, "injustificável".

Então podemos dizer que uma metáfora é liquidada porque não está bem... apenas?

Eu, acho que não, uma metáfora nunca está certa senão não seria uma metáfora.

Só que não podemos falar se não usarmos metáforas,
e nesse sentido o nó borromeano me é útil como metáfora.

Então eu ouço um pouco do lado da metáfora paterna, mas talvez eu entenda mal Lacan.

A pergunta que eu gostaria de fazer é esta: é simplesmente um problema de matemática, nesse caso, tenho certeza, bem, não me interessa, não especialmente, não mesmo!

Mas se o RSI, esse arranjo particular dessas três categorias, ligadas como estão, com esse buraco no meio, foi a metáfora paterna ou talvez acrescentando uma quarta rodada, como já foi mencionado, talvez sendo Freud tenha brincado com o pai assim, no outro círculo ali...

Bem, bem, se não se encaixa, nos leva longe, acho que é uma pergunta muito importante.

Finalmente a

pergunta... mas acho que não está muito claro o que estou dizendo, digo como posso

...a pergunta que coloco a Lacan é: estamos todos nós, todos nós, emaranhados em nós diante de dificuldades propriamente matemáticas, mas isso não tem implicações, pois mesmo assim há nos fala em psicanálise lá, para a psicanálise?

Isso não nos reexamina em nossas categorias psicanalíticas?

Não há algo sobre os nomes do pai que precisa ser reajustado?

Teríamos cometido um

- erro: – ou nosso modelo não é adequado,
- ou temos que repensar algo ao nível da metáfora paterna.

Então, a terceira solução é que obviamente eu não entendi, o que não está excluído, com certeza ...

Lacan

O que me incomoda no nó borromeano é uma questão matemática e é matematicamente que pretendo tratá-la.

X

Doutor, permita-me corrigir seu terceiro padrão.

No contexto da faixa Slade, se dermos 1-2-3 à ordem inicial, ela chega ao fundo em 1-2-3, mas no contexto do terceiro esquema, se for 1-2 -3 no início, é 2-3-1 no final.

Lacan

É totalmente verdade...

Isso é absolutamente verdade, mas estou confuso.

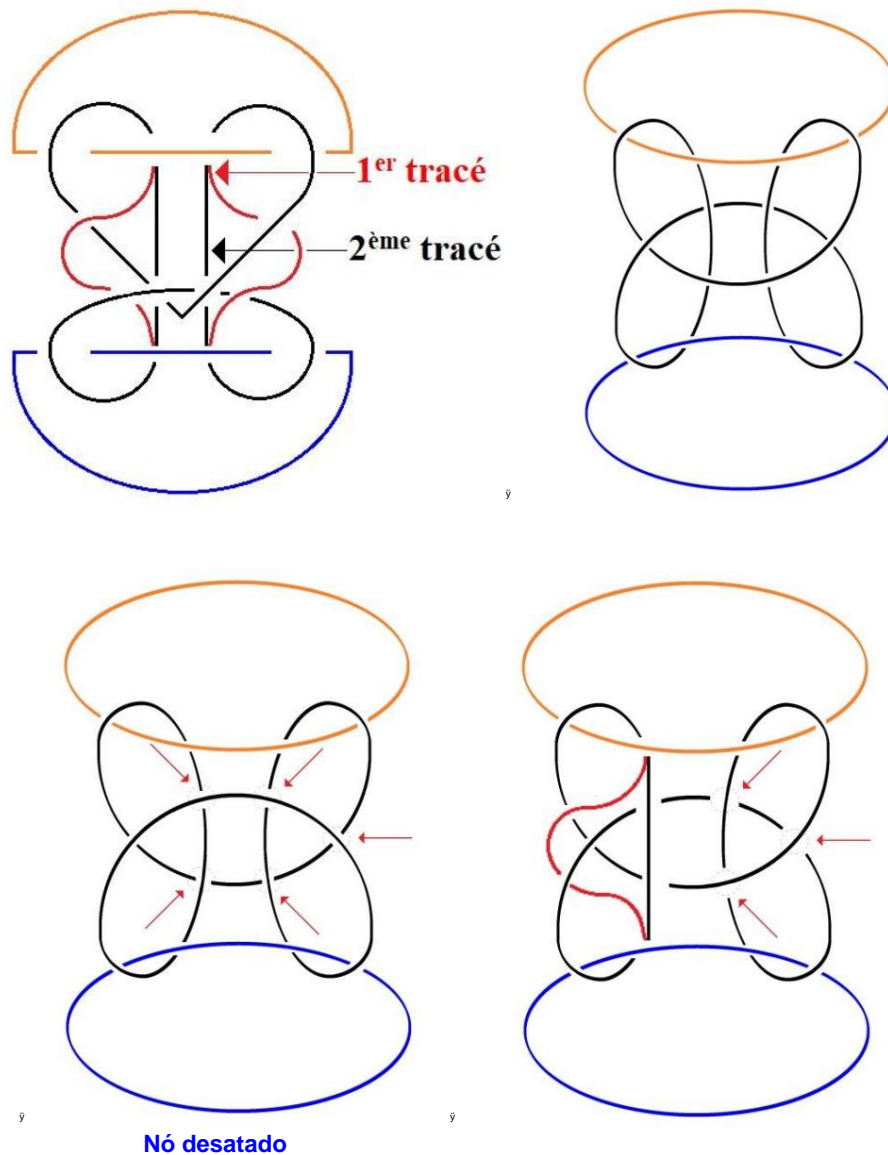
Bem, eu digo adeus a você. Vou tentar fazer melhor da próxima vez.

13 de março de 1979

[Tabela de sessões](#)

Tem uma coisa que eu te disse: por que não deveria haver um terceiro sexo?

Tudo isso vem do fato de que estudei o borromeano generalizado.



O borromeano generalizado, escusado será dizer que não entendo nada disso, estou confuso...

Eu fico confuso, o que é demonstrado a você pelo fato de que, escrevendo no quadro-negro, eu me meti, é o caso de dizer, absolutamente confuso.

Hoje eu gostaria de fazer você sentir que o borromeano generalizado não é pouca coisa.

Eu fico confuso e o descarto por este fato.

20 de março de 1979

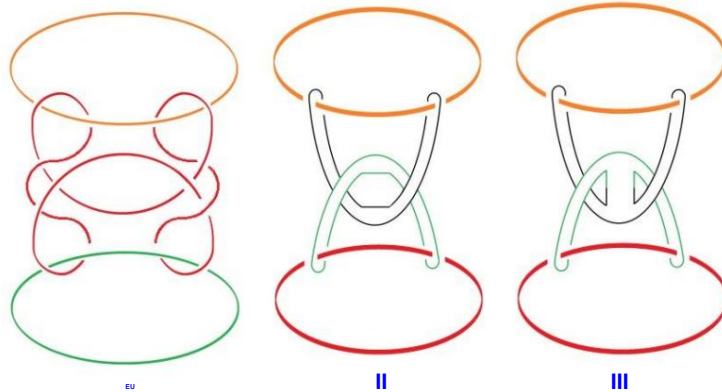
[Tabela de sessões](#)

Alguém me escreveu para me dizer o que achou do meu último seminário.

Bem, na verdade, o que eu tinha feito era o seguinte: ele é um borromeano generalizado [I]...

enquanto a pessoa que me escreveu o reduziu ao que é [um borromeano] normal [II],

...ou seja, que isso foi descoberto colocando esses dois em continuidade: verde e preto [III]. Verde e preto estão lá.



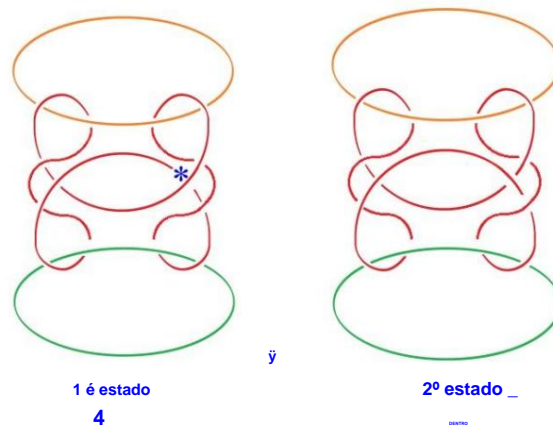
Outra forma de resolver:

– seria *colocar em continuidade* o que primeiro desenhei em amarelo (laranja) e o que desenhei em vermelho [II], – ou mesmo colocar em continuidade o que desenhei lá em vermelho com o que desenhei em preto [II].

A questão é saber o que é *homotópico* : o que é *homotópico* está dentro de uma consistência [IV].

Eu cometi da última vez, algo que era dessa ordem [IV], quero dizer que dentro do mesmo cordão a homotopia consiste em poder transgredir a figura.

Como resultado, o nó se desfaz. Basta cruzar a corda em um ponto *. É a mesma corda.



X- A mesma corda deve cruzar em três pontos.

Lacan: Sim, você acredita nisso.

X:

- A torção para a direita... desculpe: a torção para a esquerda no topo,
- para a direita em baixo
- e para a esquerda...

Se você corrigir apenas um ponto, como você disse, ele não se desfaz.

Lacan: você acredita que modificando isso não se desfaz? Então esses pontos precisam ser alterados?

X: (inaudível)

Lacan: Bom. Adeus !

8 de maio de 1979

[Tabela de sessões](#)

Lacan - Vou passar a palavra para Alain Didier-Weill

Alain Didier-Weill

Não vou pedir que seja indulgente com o que vou tentar lhe dizer, mas pelo menos que leve em conta que é um trabalho que foi preparado com pressa, até pressa, já que o Dr. Lacan me pediu para compartilhá-lo com você ontem.

Portanto, tenha em mente que ele realmente não tem a qualidade de uma escrita.

E vou tentar transmitir a vocês, vou tentar dar conta do encontro, diria de dois ensinamentos, que recebo — e de Lacan — e do diálogo analítico.

Duplo encontro na medida em que levei *muito tempo*, diria eu, para identificar em que e como as elucubrações que por acaso se impuseram a mim no quadro do diálogo analítico, em que afinal eram essas elucubrações - por um lado inscritas no gráfico cujos recursos - devo dizer - não deixam de me surpreender - e, por outro lado, ao se inscrever, inscreveria, como vou tentar mostrar, uma relação articulada entre a topologia e o tempo, ou seja, finalmente conheceu o tema do seminário deste ano.

No caso em que, essa articulação entre topologia e tempo que apresentei ao Dr. Lacan é sustentada por uma localização, agora vou tentar explicar-vos, de uma dialética da fala do sujeito falante como *habitado* direi, por um certo ritmo temporal, ritmo em três tempos como a valsa, que acabaria por exigir que o sujeito tem que contar até três para dizer uma palavra.

Esse ritmo em três tempos, tentarei transmitir a vocês o modo como me parece inferível a existência de três *superegos*, cada um representando sincronicamente na estrutura e diacronicamente uma etapa de travessia necessária para que a fala ocorra.

Vou anunciar, se quiserem, desde já a cor antes da manifestação propriamente dita e, portanto, provisoriamente, adianto o que vou tentar apoiar, é que haveria:

— um 1º *superego* cuja função seria ordenar o sujeito: “ *não dirás uma palavra* ”, — um 2º *superego* cuja função seria afirmar “ *não dirás dois* ”, — um 3º cuja função seria: “ *tu não vai dizer três* ”.

Na medida em que no contexto de uma sessão de seminário parece difícil explicar esse conceito ponto a ponto, é preciso pegar um fio: a ideia que me veio para entrar nessa história é me apoiar em um pequeno apólogo de Freud, e este pequeno apólogo é o que Freud leva na *Traundeutung* a primeira vez que ele introduziu o termo "censura" que é esse ancestral do superego, e na *Traundeutung*, se você quiser se referir a isso, foi depois do comentário de Freud sobre "O sonho do tio Joseph".

Então este pedido de desculpas é o próximo. Se você quiser, este apólogo me permitirá tentar mostrar como a divisão do sujeito é inferida de uma divisão do *superego*.

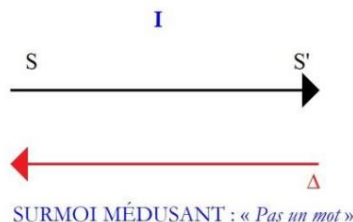
Nesse apólogo, Freud compara o *superego*, o censor, a um soberano que reina sobre os súditos, e os súditos que se encontram em condições de se rebelar, de se revoltar contra um ministro que se tornou impopular, motivo de revolta.

O que Freud logo identifica é que os sujeitos têm à sua disposição sua revolta e têm um saber elementar, o Rei, o censor, está na posição de um saber de outra estrutura, já que a posição do Rei é a seguinte é que ele sabe que deve confiar na opinião pública, mas sabe que deve agir como se essa opinião pública não lhe importasse, ou seja, esquematicamente, a revolta explodiu com gritos: “ *Abaixo o ministro!* ”.

O que Freud diz a princípio, ele diz: bem aqui está, o censor para aplacar a revolta, ele funciona como alguém que não considera que seus súditos são representados como sujeitos por esse significante, “ *Abaixo o ministro!* », e, portanto, age como se seus sujeitos falantes não existissem como tal, sem que isso fosse uma provocação.

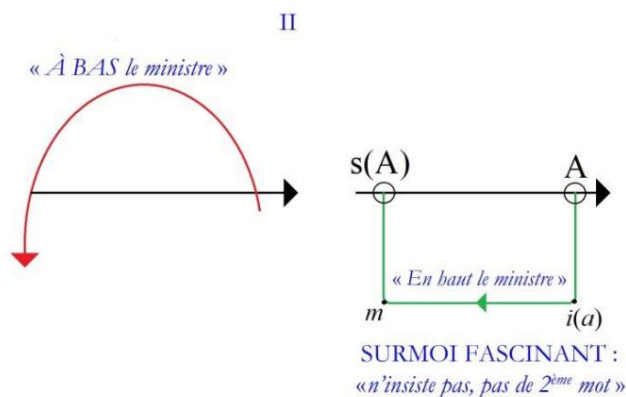
- isso é importante - e ele responde, poder-se-ia dizer, com uma mensagem invertida, sendo esta resposta o facto de ele promover o ministro a uma distinção superior, ou seja, ele responde até ao limite, se quiserem, por “ *Acima do ministro* ”.

Eu escrevi isso ali, nesses gráficos, veja, estou no ponto (I) : o sujeito diz uma primeira palavra.



A primeira palavra, estamos na célula elementar do gráfico, uma primeira palavra: " *Abaixo o Ministro!* ". A esta primeira palavra, o Superego responde, porque o Superego é um bom príncipe, pode-se dizer.

Ele é um bom príncipe porque diz: " *Uma palavra: passa... por uma palavra eu passo, tá, mas não insista!* " » isto é, por uma palavra está tudo bem, mas não por um segundo.



E a *estratégia do superego*... é por isso que você vê, o superego, eu escrevi essa resposta do *superego* usando a inversão do nível do *ego inferior*, que é o que introduz o campo da negação na medida em que a censura está aliada ao *eu* nesse nível.

E a mensagem invertida que consiste em escrever aqui " *Levante o ministro!* " : Elevo o ministro, bem, tem o efeito, observa Freud, de suspender a mensagem do sujeito que, ao dizer: « *Abaixo o ministro!* » do efeito dessa *resposta do superego*, a mensagem será interrompida e o sujeito a repetirá.

Quero dizer que Freud não vai além desse pequeno pedido de desculpas, mas ele tem, no entanto, o mérito de mostrar que essa estratégia, se assim o escreve, é que se revela operante, como a experiência aprende sobre isso, e como é eficaz, como a resposta desse censor tem o poder de interromper a mensagem do sujeito?

Uma série de pontos...

Se quiser, clinicamente você pode identificar que a liminar da censura tem essa particularidade: pode lembrar que em sua liminar o comando do superego tem essa particularidade de se opor ao comandante que seria um comandante com listras, c é que o comando do superego , não representa o sujeito para outro significante, ao contrário do *comandante de divisão* que, se dá uma ordem por mais feroz que seja e que gostaria de se aproximar da ordem do superego, não a alcança.

Se você subscreve a *ordem do comandante da divisão*, eu diria que isso não significa que você é *dessubjetivado*, é por exemplo para não ter problemas, para obter sua permissão.

Mas se você obedece à injunção do superego, é porque está nessa posição que um analisando me disse de forma muito relevante: o que faz isso diante de alguns que encontro, que me dizem uma palavra por mais estúpida que seja, Sou radicalmente incapaz de contradizer, incapaz de dizer não. Não.

Dito isto, o que é necessário - esse é o primeiro ponto - o que deve ser entendido é que, como eu estava dizendo a você...

porque, você vê, o censor deixou escapar uma primeira palavra

...o importante é entender que " *por uma vez está tudo bem, mas não insista* ".

" *Não insista* ", quer dizer: não acrescente, e você sente aí que esse " *Não insista* ", é a própria raiz dessa dimensão que apreende o assunto que é o da angústia. Olhe ao seu redor, escute, observe-se: geralmente *a ansiedade de ser ridículo, a ansiedade de parecer estúpido*, de parecer estúpido, mesmo de parecer feio, nada mais é do que, em última análise, obediência a esta ideia: não insista, esmague, você seria ridículo.

E efetivamente o sujeito, nesse momento, se retrai e quando ele se retrai dessa forma, quando ele se retrai, ele está na posição mais intensa de culpa e ele tem razão de estar porque isso é culpa: é abrir mão da responsabilidade, ou seja, sobre a responsabilidade de responder.

Outro ponto, se você gosta: ao censor que deixa passar uma palavra, mas que não quer que uma 2ª palavra seja dita, ou seja, quem não quer que essa 1ª palavra seja apoiada por uma 2ª ~~discreta e sensível~~ *discreta e sensível*. É aqui que encontramos o exemplo que foi comentado por Lacan em "As *formações do inconsciente* ", esse sonho que você conhece, eu acho: um analisando sonha com a palavra " *canal* ", Não estou repassando o sonho em detalhes, mas o significado, ao final da *interpretação do sonho*, revela que a palavra " *canal* ", significa ali para Freud: " *Suas teorias me fazem errar, não é sério* " .

A censura permite que a palavra "canal" passe. O que não deixa passar é que o sujeito que diz "canal" reconhece que se apoiasse essa palavra ali, ou seja, se visse de onde falava, isso o colocaria em condições de dizer a Freud: " *Suas teorias me fazem rir, não são sérias* ". E possivelmente pode-se pensar que se ela tivesse dito a Freud durante sua sessão: " *Suas teorias, do sublime ao ridículo, há apenas um passo!* se ela tivesse contado a ele, ela teria evitado esse sonho.

Então a censura, como você vê, não querendo que a 1ª palavra seja confirmada por uma 2ª palavra, à qual o a censura é um obstáculo, é que o sujeito encontra nele o ponto do além onde pode sustentar o 1º dito que avançou.

Outro ponto decisivo que quero enfatizar antes de prosseguir é que o sujeito, tendo dito uma palavra, não há dúvida de que ele é um sujeito falante. A censura terá outra estratégia: como não há dúvida, levará, eu diria, o viés de tornar o sujeito duvidoso, ou seja, o sujeito é colocado em posição, se insistiu, de ser confrontado com outro que está em posição de suspeitar dele.

Qual é a diferença entre um sujeito "suspeito" e um sujeito "suposto"?

Bem, eu diria –

– *um suposto assunto* é um assunto que possivelmente deveria surpreendê-lo,

– *um sujeito suspeito*, por outro lado, é um sujeito sobre o qual nada poderia surpreender vindo dele, pois há, em relação ao sujeito suspeito, um preconceito, uma presunção mais exatamente, e que nada dele não deve vir como uma surpresa: o que quer que ele diga, será integrado em algum lugar e não haverá nada de surpreendente nisso.

Se você quiser, você vê por isso que estamos muito perto, esse censor, ele está muito perto do "não-dupe" de que Lacan nos falou em seu tempo, ele está muito próximo disso porque está na posição:

" *Você não vai me pegar, eu não vou pegar, o que você disser eu sei onde colocar o que você tem a dizer e nesta posição de desconfiança, de suspeita, eu estou de olho em você, eu não ganho não se surpreenda.* »

Aqui chego a um ponto completamente fundamental, que é que uma função completamente decisiva da censura...

este é um ponto que, na minha opinião, não foi suficientemente retido

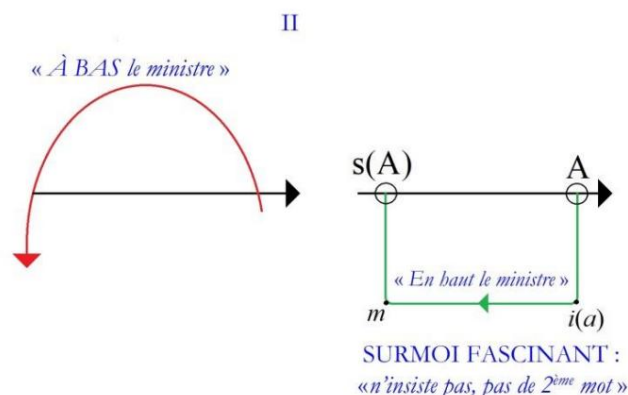
...é considerar esse réu que é o sujeito para ela, para evitar *qualquer possível surpresa* que venha dele e, em particular - que está textualmente em Freud - Freud diz que uma das funções da censura é despojar de sua intensidade o que ele chama de " *o significante de alto valor psíquico* " .

Esse *significante de alto valor psíquico* em torno do qual vou centrar este trabalho é - direi isso de passagem - o significante que é a causa do sonho é o significante que o sujeito encontrou durante o dia e ao qual, confrontado, ficou calado, mudo, sem responder e com o espírito de escada que caracteriza este sujeito que não pôde para responder, ele precisa do tempo de incubação do dia e só consegue responder à noite com a ajuda de um sonho a esse significante que o surpreendeu por um momento antes de ver mais de perto do que se trata.

O problema da censura é que sua função é sobretudo alertar o sujeito para o fato de que ele pode acessar esse estado de *desvanecimento*, de estupefação por esse *significante de alto valor psíquico* e, portanto, despojado de sua eficácia.

Mais uma palavra desse censor, ou desse "não-dupe", você pode imaginar que é na medida em que o fato de não poder ser surpreendido exige dele o desenvolvimento - acho que se pode dizer - de uma inteligência importante, já que ele terá a resposta para tudo, nada pode surpreendê-lo.

Agora vou me permitir continuar esse pedido de desculpas que Freud havia começado e fazer um pouco de ficção.



Estamos aí: “ *não insista* ”.

De fato, o sujeito se retirou, não insistiu sob o efeito do que acabei de tentar dizer.

Agora nada nos impede de imaginar quais são as condições que permitiriam a 1ª palavra dita pelo sujeito...

isto é, “ *Abaixo o Ministro!* ” »

...quais seriam as condições que fariam este “ *Abaixo o Ministro!* ” voltar, isto é, ser retomado.

Então podemos - estou pulando um pouco - mas podemos detalhar as coisas,

mostrar por qual processo o sujeito acessaria o conhecimento ou o engano que é o do censor.

Mas, por ora, retenhamos esta idéia: é que em um dado momento, depois de um tempo, digamos *do apagamento do sujeito*, do silêncio, reproduz uma 2ª uma palavra pela qual o sujeito retoma sua revolta, isto é: “ *Abaixo, O ministro!* ”.

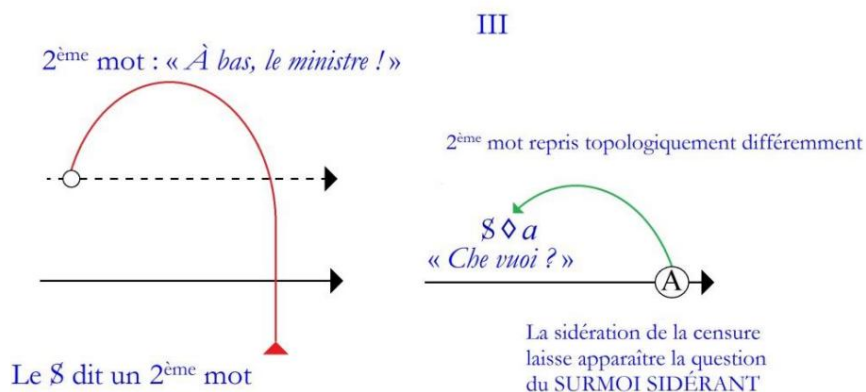
Mas, veja bem, essa 2ª palavra não está escrita no gráfico –

da mesma forma – ou seja, no mesmo lugar,

– quer dizer que pode ser a mesma palavra, não é

a mesma porque está situada topologicamente de maneira bem diferente.

Então, qual é o impacto desta 2ª palavra, desta tomada, digamos da revolta, qual é o seu impacto, o que acontece quando se situa neste nível superior do gráfico, ou seja, quando ele retoma o facto de ele perdeu e ele não perde em primeiro lugar. É o início da perseverança.



Diria que há dois elementos que contribuem para a produção desta 2ª

contra :

– Diria antes de mais nada, há a insistência na repetição, isto é, na produção deste além de onde o sujeito pode responder pelo seu 1º dito,

– e depois há o fato de que essa relação *de ordem imaginária* com o censor que toma o ódio como ponto de apoio, o ódio do perseguidor e que representa um ponto de apoio para o sujeito, nessa relação especular de “ *Você venceu não me pegue, você não vai me silenciar, eu dou a última palavra* ”, há essa dimensão nessa capa também.

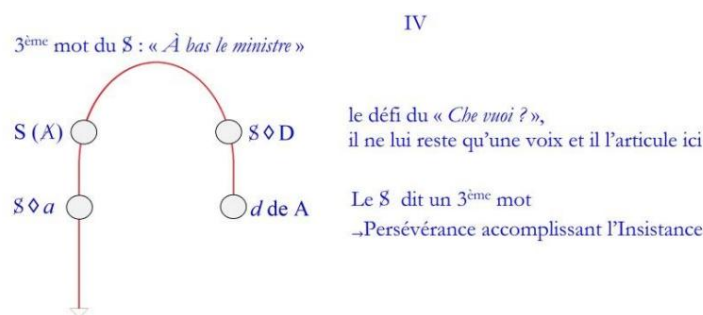
Agora, uma vez que a palavra foi dita, algo muito importante acontece que é o seguinte, uma vez foi dita pela 2ª vez a palavra : " *Abaixo o Ministro!* ", o que acontece é que o censor que disse: " *Você não vai dizer duas vezes* ", o censor está em uma posição que eu ia dizer para ser *censurado*, mas em todo caso: *o censor, nós passamos por cima*, ou seja, que o censor diante dessa posição, sua vocação de censor, sua função não tem mais lugar para estar e acredito que podemos argumentar aí que o censor está objetivamente pasmo.

Que o censor fique objetivamente estupefato se traduz no fato de que o sujeito é então desabilitado pela censura que literalmente o desabita, e esse vazio que se cria nele como resultado dessa censura que o desabita, é o sujeito que o recebe. a reação que deve ser estupefata.

Tomemos um exemplo simples nas etapas da Revolução Francesa, quando após os primeiros tumultos, uma manhã o povo de Paris, ao saber que seu 16º censor havia fugido para Varennes, havia abdicado, ficou pasmo. Michelet conta nas " *Memórias* " que por algumas horas da manhã, o povo de Paris ficou literalmente pasmo, ou seja, sem palavras, porque de repente a consistência do outro, que estava ali para sustentar uma relação persecutória como censor, desaparecendo, o sujeito do golpe foi ele quem recebeu a reação que chamo de estupefação. Vou explicar-me mais tarde esta palavra de vantagem.

O que acontecerá é que no vazio que se produz por causa da estupefação da censura, nesse vazio, nesse momento, esse vazio dará lugar a algo novo e radicalmente surpreendente e surpreendente, que é - como lhe escrevi no gráfico -

a voz que Lacan diz em algum lugar " *rugindo* " do " *Che vuoi?* " ou seja, a censura está pasma.



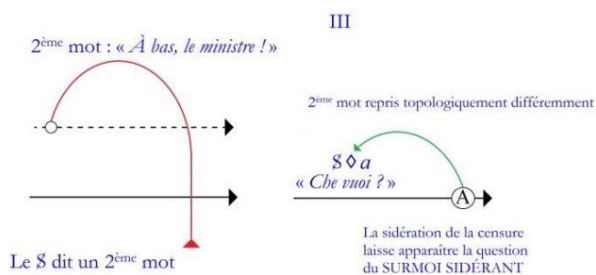
A reação dessa estupefação significa que o que eu chamo, da maneira que estou apresentando as coisas esta manhã, " o 3º superego " se fará ouvir .

Ou seja, nesse vazio constituído, nesse momento o sujeito ouve esse " *Che vuoi?* " e o que parece completamente novo é que este " *Che vuoi?* " já não tem a consistência de um censor persecutório, este " *Che vuoi?* " não é alguém que responde, que dá respostas como um censor desde a resposta enigmática, radicalmente enigmática e surpreendente...

mas quando digo incrível, é no sentido forte, você tem que ouvir a palavra trovão ... isso é " *Che vuoi?* " », ele dá uma resposta que é uma pergunta: " *Che vuoi?* " .

Então você vê que o surgimento desse " *Che vuoi?* " cuja origem é o significante do Outro, que está relacionado com o significante do Nome do Pai, mas talvez eu tente melhor apoiá-lo mais tarde, sobre o que eu diria que naquele momento tudo aconteceu como se o significante do Nome do Pai caísse no Real, que tivesse este efeito: naquele momento este " *Che vuoi?* " como este " *significante de alta intensidade psíquica* " que Freud coloca na raiz da causa do sonho.

E este " *Che vuoi?* " nesse momento ele coloca o sujeito em condições de sustentar seu desejo com coordenadas diferentes daquelas pelas quais o sustentava quando, por exemplo, havia retomado sua revolta aqui:

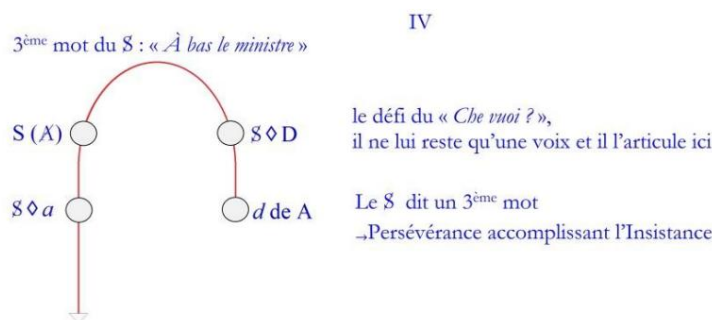


...mas com *um perseguidor* como fulcro que, *se inconsciente*, estava articulado à estrutura do *ego*, porque a *censura* e o *ego* trabalham em colaboração.

Então, o que podemos dizer, o que eu diria, se você quiser, sobre o surgimento de " *Che vuoi?* ", o que eu diria, a partir do surgimento de « *Che vuoi?* » é que a pergunta que é enviada de volta ao assunto é:

" Bem, tomo nota do fato de que você insistiu e agora o que você vai fazer. Ou seja, você será capaz de sustentar esta insistência com um 3^o palavra, é um 3^o palavra permitirá que você encontre as coordenadas articular um 3^o palavra, um 3^o quer dizer, quem vai fazer essa insistência, você vai transmutá-la em perseverança? »

" *Perseverança* ", ouve-se ali o " *perseverare diabolicum* " que Freud havia percebido na compulsão à repetição que então descrevera como " *demoníaca* ".



Você vê que o completo oposto do censor...

quem estaria em condições de dizer: " *Por uma vez eu passo: errare humanum est* ", " *o erro não é grave* " em uma palavra

...onde fica sério é se a insistência se transforma em perseverança.

Algumas palavras agora sobre o efeito desse significante assombroso que é o " *Che vuoi?* ".

É identificável, esse significante surpreendente, em muitos dos escritos de Freud: é

identificável na *Traumdeutung*, mas sem que Freud faça uma ligação entre suas diferentes manifestações.

No *Traumdeutung*, portanto, ele o situa depois do sonho em particular da " *monografia botânica* ", ele o situa como esse " *significante de alta intensidade psíquica* " causa do sonho.

Também está localizado desde o início no primeiro capítulo da " *Psicopatologia da vida cotidiana* ", o primeiro exemplo, o exemplo de Signorelli que se baseia na repressão do significante " *Herr* " (senhor), este significante " *Herr* ", pode-se dizer *encarna* como significante do pai morto, encarna essa questão de " *Che vuoi?* »

que Freud neste exemplo faz o possível para não ouvir, mas porque Freud é Freud acontece que não cai no esquecimento e que ele vai pescá-lo e encontrá-lo e articulá-lo em seu próprio nome até o fim e ele escreve isso.

Também é identificável, esse *significante surpreendente*, em " *Piadas...* " quando Freud identifica que a dialética pela qual surge o riso, ele a descreve a partir de uma dialética que ele chama de "assombro e luz". » :

num 1^o tempo, o ouvinte recebe a palavra e antes de cair na gargalhada, antes de a metáfora realizar o seu trabalho, há um momento de espanto em que o sujeito fica suspenso.

O termo de Freud para qualificar esse *significante assombroso* que...

Não estou dizendo que essa palavra "staggering" é a melhor tradução, é a tradução proposta por Marie Bonaparte e Nathan em " *Les mots d'esprit...* ", é a tradução do termo *Verblüffung*. Eis o que o dicionário, o catálogo de palavras que o dicionário dá sobre a *Verblüffung* : *estupefato, atônito, pasmo, surpreso, horrorizado, estupefato, atordoado*.

Por fim, vejamos, por meio dessa constelação de significantes, há a noção de uma posição subjetiva pela qual o sujeito seria atingido de imbecilidade ou ficaria mudo.

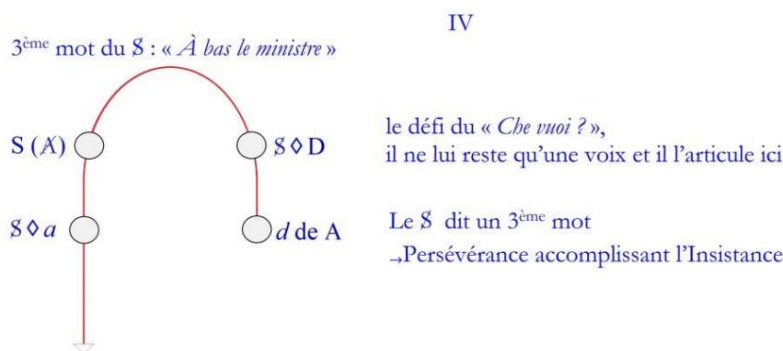
E você vê que três direções são finalmente impostas a partir desse cerco por esse significante:

- Eu diria que uma 1^a direção designa a natureza do que se manifesta no " *falar do ser* " que é a emergência de uma manifestação inesperada do Real: *pelo sideral, pelo trovão, pelo relâmpago*, o sujeito se *espanta, atordoado, estupefato*.
- 2^a direção que reúne significantes que evocam a resposta do sujeito a essa manifestação do Real pela qual o sujeito consiste em *cair do lugar simbólico* onde estava equivocadamente apoiado entre 2 *significantes*, em cair de forma unívoca, como este naufrágio que é o *objeto (a)*, na realidade, e esses significantes nos dizem que então o sujeito cai das nuvens surpreendido, como um trapo. Onde ele realmente cai? Ele cai onde nós caímos: no chão, ele é esmagado.

- E a 3ª direção que é essencial deste círculo, é localizar o *momento da imobilidade, da imbecilidade estúpida*, a que se reduz o sujeito fixado no chão, pois são os termos estupor, estupidez, espanto... que em francês antigo significa paralisado, ...que qualificam essa impossibilidade de deslocamento pelo qual o corpo, não mais que a palavra, não pode dizer que o sujeito permanece interdito.

Bom. Então você vê que depois disso “ *Che vuoi?* ” formidável, verifica-se que o sujeito pode abdicar:

- ele ainda tem tempo, é o caso de Freud quando o aterrorizante “Herr” aparece pela primeira vez,
- e então ele se vê capaz de insistir e prolongar sua insistência e o desafio de “ *Che vuoi?* ” – só lhe resta uma voz e a articula aqui :



É - veja, marquei - naquele momento o sujeito pela 3ª vez disse: “ *Abaixo o ministro!* ”. Esta 3ª vez é sempre a mesma palavra, mas espero fazê-los sentir que *mesmo que seja a mesma palavra, não é a mesma palavra*, ou seja, está localizada em coordenadas completamente diferentes daquelas que fizeram diz

“ *Abaixo com o ministro !* » Nº 1,

“ *Abaixo com o ministro !* » Nº 2.

Neste que intervém, há essa *inversão do “ Che vuoi? ”*, cuja fórmula é: “ *O que você quer?* », esta *inversão...*

- que começa aqui no nível da Demanda onde o sujeito está em condições de se perguntar: “ *Eu me pergunto o que você quer e...* ”,
- juntando-se, chegando ao ponto da fantasia: “... *o que sou eu* ”.

Você vê que no nível da fantasia há 2 setas divergentes e que o cruzamento é possível com a produção dessa 3ª palavra escrita por Lacan: **S(A)** e **que a produção dessa significante**, 3ª palavra, tem essa, eu diria que essa é a

porque é uma palavra que se compromete com algo radicalmente *enigmático*, pois compromete o sujeito – a não mais recuar em sua *insistência*, – a não mais recuar em uma promessa quanto ao seu desejo, uma promessa que tem isso, o que é enigmático é que é não é um juramento que tem um conteúdo explícito, é uma promessa de que não sabe o quê, simplesmente para sustentar esse desejo sem nem saber o que é.

Você vê que chegamos, portanto, ao final desses diagramas à ideia de que 3 tempos interiores devem ser cruzados para que o sujeito articule a palavra que na existência engaja seu ser.

Talvez sumariamente possamos ver uma metáfora para este número 3

- no fato de uma apresentação no teatro, por exemplo, ser anunciada por “ *toc-toc-toc* ”, as 3 batidas, – pelo fato de que sem você nem contar nos dedos, se você se anuncia na porta de alguém ,
- você vai fazer “ *toc-toc-toc* ” sem contar que é feito por si só.

Agora... você vê que eu me permiti qualificar – o 2º Superego

como *fascinante*, – o [3º] Superego “ *Che vuoi?* ” de *assombro* porque me parece que há um certo número de razões...

Eu posso não ter tempo para desenvolvê-los lá realmente ...mas há uma série de razões que nos permitem identificar que o *superego* procede da estrutura de um olhar.

Por olhar, não devemos entender algo que tenha alguma conexão com o órgão da visão.

Por olhar, quero dizer algo como Lacan o articula no Seminário XI, onde mostra que um sujeito pode estar subitamente sob o olhar do Outro enquanto surpreendido na floresta ou no mirante, é um ruído ou uma rachadura que se impõe como a dimensão de uma presença vigilante que nada tem a ver com o problema da visão.

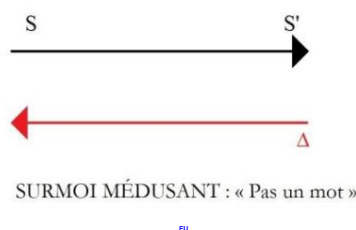
Além disso, nada ilustra melhor esta encarnação do olhar do que, por exemplo, os filmes de Fritz Lang, onde tantas vezes retrata cegos, cegos que encarnam precisamente, não se poderia melhor, essa presença superego do olhar.

Então voltei desde que disse no início que achava que poderíamos isolar 3 " *superegos* ".

O 1º superego que me parece isolado, chamei-o de *superego desconcertante*, *superego fascinante*, *superego desconcertante*.

Superego estupefato, você vê aí eu illustrei com o fato de dizer: " *Nem uma palavra* " (eu).

E acho que podemos encarná-lo da forma mais elementar do grafo de Lacan, ou seja, as retas \bar{y} e SS' não se cruzam.



Esse *superego desconcertante*, parece-me que se poderia identificá-lo como sendo o que está em ação no universo de certos psicóticos, ou seja, um universo em que o sujeito está literalmente desnortado, ou seja, sob o olhar desse Medusa que é sua outra...

Relembro que sob o olhar de Medusa um sujeito se petrifica, ou seja, para a eternidade, não há mais tempo, não há mais diacronia, para a eternidade ele fica congelado, perde a disposição do movimento da linguagem ou do movimento do corpo.

...podemos acrescentar que o psicótico, pense no pequeno Dick no *Seminário II*, é um ser que se poderia dizer *invisível*, ele se considera invisível na medida em que é *observado de todos os lugares*.

Você realmente ouve certos esquizofrênicos que descrevem esse olhar que vem de todos os lugares, são olhados pelos animais, por todas as pessoas que encontram no metrô, pelo sol, pelas estrelas.

O problema é que esse olhar estupefato, esse olhar que seria o mais feroz, o superego mais arcaico que existe, que não dá a possibilidade de uma palavra, porque sob o olhar o Outro diz:

" *Eu sei tudo sobre você, você não tem nada a dizer, pois meu olhar funciona como esse conhecimento absoluto* ",

O sujeito não está mais na *dimensão de qualquer suposição* em sua relação com o Outro. vou te indicar...

ainda vale a pena marcar

...que o olhar no psicótico, em oposição ao superego no neurótico, participa...

em qualquer caso na *Traumdeutung*

...participa *do inconsciente*, a censura é parcialmente inconsciente e por isso Freud a isolou muito tardiamente.

Gostaria de salientar que Freud primeiro isolou o *superego* no psicótico em " *A introdução ao narcisismo* " .

e se você ler este texto, verá que *essa presença do superego* que ele isola no psicótico *é uma presença vigilante*.

Isso fica extremamente claro em Freud, ele descreve em delírio a influência onde essa autoridade que vigia, que não cessa de observar, que a vigia constantemente, é uma dimensão de uma presença que não espera uma palavra do Outro, pois coloca o Outro, o psicótico, em posição, não de falar, mas de se mostrar, e essa é a dimensão monstruosa da demonstração.

Qual é a diferença entre o *superego fascinante* e o *superego desconcertante* ?

Eu diria que o *fascinante superego* é limitado no espaço e no tempo:

– quer dizer que o sujeito pode se livrar do olhar fascinante, não é impossível para o sujeito quebrá-lo na temporalidade.

- Dito isto, no quadro espacial, no espaço, no olhar fascinante, o sujeito é olhado de um lugar que ele vê, que é localizável. Tomemos o exemplo do sonho de Irma que é comentado no Seminário II, bem, podemos dizer que Freud é *esse olhar fascinante* sob o qual ele se desfaz quando Irma, sem fala, lhe oferece sua garganta aberta, e podemos dizer que essa boca escancarada disse para ele: " *Olha, estou olhando para você* " e sob esse olhar que emerge dessa boca escancarada, Freud é por todo o tempo objeto de um fascínio do qual ele se libertará - voltarei a isso mais tarde. agora, estou apenas apontando isso - pelo fato de que esse *superego fascinante*, ele poderá ser castrado por um determinado processo, ou seja, poderá ser interrompido e Freud poderá se mover para outra coisa.

Agora, o que me permitiu chamar de olhar " *deslumbrante* " é porque o " *Che vuoi?* parece-me encarnar mais uma vez essa dimensão de uma presença contemplativa, com a diferença de que não se trata de um olhar que seria visível ao sujeito, mas naquele momento o sujeito seria olhado de um lugar que ele faz. não sabe, ele não sabe para onde está sendo olhado, é um olhar que introduz o Outro como radicalmente invisível e é nisso que se fascina, ponto importante, eu diria que Freud de forma alguma se surpreende, ele fica fascinado, mas não se surpreende porque o que vê é algo da ordem da contiguidade, é algo da ordem do estranho não perturbador, familiar demais para que ele se surpreenda.

No significante assombroso, o que surpreende é que ali efetivamente o sujeito seja radicalmente surpreendido e que essa surpresa passe pelo fato de que a *especularidade*, o *imaginário* irrompe.

Agora eu gostaria de tentar prolongar essa *dialética diacrônica* pela qual se pode assim passar de um *superego* a outro com uma certa dialética do sujeito e tentar dar conta de uma *dialética topológica*.

Se essas diferenças para mim são de fato isoláveis, como explicar...

na medida em que a chamada identificação primordial da incorporação está na raiz do *superego* ...como explicar a dialética entre

- incorporação do significante no Nome do Pai,
- e metáfora paterna, metáfora do significante do Nome do Pai.

De fato, temos razão em reconhecer a incorporação como presidindo a origem do *superego* primitivo . Isso é algo que Lacan nos habituou a entender, ou seja, podemos considerar que a criança, por exemplo em sua forma mais primitiva, quando dirige esse pedido ao Outro, a demanda de outro, presença simbólica, de ser reconhecida, enfim para um reconhecimento de uma presença, quando o Outro neste nível está falhando, no nível de reconhecimento simbólico, podemos dizer que a criança compensa essa falta de satisfação simbólica, por essa *Versagung*, que ela compensa essa deficiência do dom pela incorporação do objeto, ou seja, ele substitui a satisfação simbólica por uma satisfação da ordem da necessidade, da tendência.

Veja outra metáfora que incorpora o *superego* também no fato de... ele ser visto por Spitz no jogo em que a criança ri na troca com o adulto que se mascara e se desmascara. O adulto se desmascara, a criança realmente se vê explodindo em gargalhadas, está exultante e essa alegria, podemos entender como a descoberta para a criança de que há algo além do olhar encarnado pela *máscara*, porque a função da máscara é encarnar *a presença do olhar*, mas se sob essa máscara, quando o adulto se desmascara, surge uma segunda máscara, aí o que aparece na criança é algo da ordem da angústia, e essa angústia por quê?

De repente, revela-se-lhe que para além da máscara, na verdade, ele leva ao fato de que não há mais além e então está efetivamente na presença de um olhar irreduzível ao qual só pode responder por esse processo de incorporação completamente enigmático.

Você vê que podemos identificar na incorporação

- tanto a incorporação da fala, esse toco de fala que será o ancestral do superego primitivo,
- do que a presumida incorporação do olhar.

Veja ainda outra imagem desse *superego olhando* na metáfora de Lacan do *cego e do paralítico* . onde é efetivamente o cego o verdadeiro ego e superego mestre do paralítico. Finalmente, não insisto aqui neste ponto.

Então, agora, como explicar a dialética entre incorporação original e repressão.

Muito brevemente, acho que podemos ter justificativa para identificar pelo menos três incorporações:

- *uma incorporação pré-edipiana*, aquela que Freud identifica no *casal Bejahung-Ausstossung*, incorporação que foi identificada também por Mélanie Klein quando ela identifica que a criança na mãe incorpora um significante do pai, o significante fálico,
- *uma incorporação edipiana* que corresponde à incorporação que marcaria a resolução do complexo de Édipo,
- *uma incorporação pós-edipiana*, por assim dizer, que corresponderia à incorporação desse pai que é o autor de tê-lo ferrado tanto.

Essas incorporações têm destinos diferentes e, em todo caso, seus destinos - que tentarei mostrar se tiver tempo - deve ser pontuado cada um por uma certa repressão originária.

Agora para dar conta de forma fundamentada de tal incorporação, creio que é necessário tomar as fontes que temos, as primeiras fontes que temos sobre a incorporação que estão em " *Totem e tabu* " e aqui está um ponto que eu gostaria de destacar em relação a " *Totem e tabu* ", é o seguinte ponto: este livro, o que chama a atenção é que foi objeto *de uma execução geral*, embora tenha sido, segundo Freud, seu livro favorito.

E algo me prendeu, é: o que faz as pessoas, pelo menos como Lévi-Strauss, sentirem tanta falta de ler um livro como " *Totem e tabu* ", - ou seja, o que faz alguém como Lévi-Strauss levar a fazer a crítica de Freud que ele fez a Malinowski – ou seja, ele fez essa leitura de " *Totem e tabu* " consistindo em apontar

- que Freud só faria uma teoria afetiva do sagrado,
- ou seja, segundo Lévi-Strauss, não haveria promoção do significante em " *Totem e tabu* ".

E então, se nos perguntarmos o que torna o significante suficientemente eficaz... obviamente identificável, podemos notar que a noção de ambivalência que centraliza a obra de Freud, bem, essa noção de ambivalência efetivamente leva à confusão porque Freud, na ambivalência, opõe grosseiramente os *casais afetivos*, o *amor-ódio*, o *horror-interesse* e nessa *casal* algo se presta à confusão porque se pode, numa leitura superficial, ter a sensação de que promove o domínio do afeto.

Na verdade não é bem assim, mas se quisermos apreender mais de perto, teríamos que mostrar que substituindo esse *casal ambivalente* que Freud identificou, creio que seria do nosso interesse substituir dois *casais ambivalentes* pois há duas séries de constelações significantes que devem ser opostas, associadas e dissociadas.

Então, quais são esses pares?

Se você quiser, acho que em particular no capítulo em que Freud fala do pai morto

- como o falecido pai dará, se assim se pode dizer, o antepassado quando os ritos forem devidamente prestados,
- ou como o pai morto dará à luz o fantasma, o demônio, o espectro.

Entre o antepassado e o fantasma, há de facto uma dialéctica muito particular onde tentarei mostrar mais tarde que a noção de reversibilidade de que nos conscientizamos no Seminário do ano passado pode talvez nos ajudar a compreender alguma coisa.

Pelo menos no mito, na forma heróica do mito, algo nos é devolvido dessa dialética, desse ir e vir muito particular que existe entre o ancestral e o espectro que é esse...

essas coisas são relatadas por Durkheim, por Frazer, pelas fontes de Freud, Spencer e Gillen... pai morto, inicialmente a alma vai ficar aqui embaixo, ela não quer dar o fora, fica aí, fica aí e por que, essa é a pergunta que estamos fazendo? Por quê ?

Acontece que é mau e perigoso. Este fantasma que não quer dar o fora, que fica lá, há toda uma série de ritos que lhe convém para se juntar à Ilha dos Mortos, a vida após a morte e depois nos dizem, por exemplo em Durkheim que é muito bom descrito, que há jornadas incessantes como esta:

- ou seja, o espectro está lá por um tempo,
- os ritos terminaram: ele foge para a Ilha dos Mortos, fica lá,

- ele faz um segundo retorno, ele volta porque não gosta da Ilha dos Mortos, ele volta para invadir novamente, novamente os ritos são feitos: ele sai uma segunda vez ,
- ele volta uma segunda vez e, finalmente, se os ritos forem perfeitamente executados: ele parte novamente pela 3ª e última vez para a Ilha dos Mortos, de onde não retornará.

Você vê que há uma reversibilidade entre

- esse ancestral, esse significante do Nome do Pai assumindo sua função simbólica,
- e essa possibilidade de retornar ao Real e de uma forma que não é mais a de um significante, mas de um *objeto* que podemos qualificar como *pequeno (a)* .

Então, por que temos que separar dois casais “ambivalentes”?

Temos interesse porque o ancestral e o espectro, em torno de cada um deles, existem dois movimentos "ambivalentes" que cada um suporta e que são comparáveis, mas que devem ser diferenciados.

Cada um dos dois, de fato, há uma posição ambivalente sobre cada um dos dois na medida em que o ancestral sustenta... cada um dos dois, eu diria, encarna tanto um interesse quanto um movimento de repulsão.

Mas esse interesse e essa repulsão são de estrutura bastante diferente por causa das diferenças na topologia.

O ancestral, eu diria, no interesse ou movimento positivo que ele sustenta, o ancestral - os movimentos positivos são os sentimentos da ordem de veneração, respeito, até êxtase em certa comunhão com ele e os sentimentos de repulsa são do ordem do terror sagrado, são da ordem do pavor sagrado, são da ordem do que descrevi anteriormente como estupefação, do espanto mais radical quando este além do que é evocado - na oração, por exemplo - se acontece que este além do Simbólico enquanto a oração parece chamar isso de além, se alguma vez esse além se manifesta no Real - é preciso pensar neste verso de Prévert: " *Pai nosso que estás no céu, fica aí* " - bem, é isso, porque se ele entrar o Real, se ele vier a cair no Real é uma catástrofe, bem, a catástrofe é no mínimo essa estupefação e esse berro do " *Che vuoi?* " " .

O problema é que muito pelo contrário, o movimento ambivalente do espectro merece ser diferenciado porque o interesse que desperta, eu diria que é uma curiosidade, uma atração como alguns dizem, uma atração doentia, vejam o atendimento e as delícias que alguns pareço experimentar ao ver filmes de terror onde não se trata nem mais nem menos estupidamente e estupidamente de encenar fantasmas e espectros, o que é isso?

O que eu gostaria de salientar para vocês é que o espanto que o encontro com o espectro provoca não é exatamente um espanto porque é algo que no fundo o sujeito sempre espera encontrar, isso não é um espanto, não é uma surpresa, é não tem nada a ver com *Verblüffung*, não é alheio, mas não surpreende porque é algo da ordem do estranho, dessa familiaridade que significa que eu diria que o sujeito nunca deixa de esperar ver o retorno ao Real esta presença que ele está sempre esperando para ver se manifestar.

E talvez não devamos ver em nada além desse retorno que o sujeito espera o fato de que, se você o observar, quando está em uma sala, muitas vezes não pode deixar de se virar atrás de você para ver o que aconteceria, como se algo pode acontecer ou acontecer. Porque realmente se pode pensar que essa presença que está no Real não te esquece porque é inesquecível, não é da ordem do que pode ser reprimido.

Então você vê que a dimensão do espectro, do fantasma é algo que sustenta uma ambivalência de outra ordem que não o terror e estupefação sagrados, mas que sustenta algo da ordem da angústia e o outro pólo sendo o interesse é algo que se aproxima tentação.

Freud também diz do *mana* em " *Totem e tabu* " que ele tem o poder de recordar desejos reprimidos sobre o sujeito e, lembrando-o deles, de ressuscitar esses desejos esquecidos, ou seja, que a noção de tentação está ali presente.

A partir daí, veremos que podemos fazer duas leituras de " *Che vuoi?* " .

Essas duas leituras de " *Che vuoi?* » Eu diria que podemos fazê-los de acordo com a forma no gráfico o soco que separa *o sujeito do pequeno a* , dependendo se no gráfico,

- é o *Outro* que está na posição de (a), que é o caso do espectro,
- ou que é *o sujeito* que se encontra caindo na posição de (a) por causa da estupefação do significante *Verblüffung*.

Nisto pode-se dizer que o “ *Che vuoi?* encarna essa ambivalência que não é *explicitada* em Freud, mas *escrita* por causa do soco, porque o *pequeno* (a), podemos fazê-lo tocar:

– tanto pode encarnar a angústia através da aparência, quanto notar que na primeira vez que Lacan introduz o “ *Che vuoi?* », é referindo-se ao « *Diabo apaixonado* » de Cazotte onde ele aparece como *uma aparição*, como *este camelo gemendo* e que funcionará como um tentador,

– a outra função de “ *Che vuoi?* é aquele pelo qual seria, não a angústia que prevaleceria, mas essa estupefação pelo significante que Freud qualifica como significante de “ *alto valor psíquico* ”, o significante da *Verblüffung*.

Agora Freud, se você quiser, o que é muito interessante se você ler linha por linha...

Eu me permito fazer isso por cinco minutos

...Freud, porque ele não distinguia muito claramente entre essas duas categorias, porque ele não tinha à sua disposição o *pequeno objeto* (a) talvez, nem a do Real, Freud é muito flutuante na interpretação que dá do medo do ancestral ou do medo do fantasma e interpreta o medo dos mortos como uma agressividade reprimida que seria projetada.

O que podemos ver no entanto é que ele não está satisfeito com o termo “ *projeção* ” que ele usa e o que não o satisfaz no termo “ *projeção* ” que ele usa é fato bastante perceptível.

É o que ele escreve: essa projeção enigmática, essa projeção fora de uma percepção interior, ele diz, ele diz isso sobre isso: em condições ainda insuficientemente elucidadas, nossas percepções internas de nossos processos intelectuais e afetivos...

é bastante enigmática em Freud essa noção de
percepção interna dos processos intelectuais e afetivos

...são como percepções sensoriais projetadas para fora.

Percepções sensoriais, você vê por isso que a dimensão do Real lacaniano é promovida por Freud pela dimensão de um retorno sensorial pelo Real. Sobre essa percepção interna do que seria sensorial, recordemos o que Freud escreve 4 páginas depois, é na página em que ele coloca que é no terreno da ambivalência afetiva que se inscreve a consciência moral, eis o que escreve:

" *A consciência moral é a percepção interna da exclusão de certos desejos que experimentamos* "

Ele diz *encerramento*, ou seja, *Verwerfung*.

Então, acho que podemos creditar a Freud quando ele usa o termo *Verwerfung* e não *Verdrangung* que ele sabe o que está fazendo, mesmo que esteja um pouco hesitante neste livrinho, e que você tem que tomar literalmente o fato de que ele usa o termo *Verwerfung*.

Pode-se no entanto, nada nos impede de fazê-lo, é ver na evolução do pensamento de Freud, sete anos depois, em “ *Negação* ”, como ele retoma o termo *Verwerfung*; em “ *La negação* ”, onde também trata da incorporação do destino do pai, ele tem que qualificar a presença do que não poderia cair à incorporação positiva, à la Bejahung, ele tem que qualificar o destino do que não sido Bejahung, do que não caiu em simbolização, tem diferentes termos: o termo que foi retido por Lacan é o *de Ausstossung* que foi traduzido por *expulsão*, *rejeição*, e tem outro termo que me parece bastante sustentável e interessante que é o termo de *Werfen*, ou seja, ele não usa mais o termo de *Verwerfung*, ele usa *Verfen*, ou seja, o que me parece importante é que retirar o prefixo “ *ver* ” que em *Verwerfung* qualifica *uma rejeição* com este conotação *de impossibilidade de retorno*, ou seja, algo da ordem do irremediável.

Com a noção do que é *Werfen*, há de fato uma noção de exclusão radical – mas a impossibilidade de retorno não é radicalmente excluída – ou seja, uma reversibilidade de retorno não é radicalmente excluída – ou seja, uma reversibilidade não é impossível – isso não quer dizer que vai acontecer assim, mas não é impossível.

Então você vê que eu chego ao pensamento de que se pode dizer que o que era da ordem dessa percepção interna, de que fala Freud, dos desejos que eram *Werfen*, bem podemos localizar aí

– a noção do que do pai incorporado não pôde ser totalmente incorporada,

– a noção desse desperdício, desse resto, porque nem tudo sobre o pai pode ser incorporado: há um desperdício.

É indubitavelmente necessário corrigir o texto de “ *La Verneinung* ” onde Freud parece, para qualificar tanto o que é introjetado quanto o que é expelido, Freud toma a decisão de dizer, como se houvesse uma posição antecedente do sujeito: isso eu coloco em o bem de dentro, e isso eu coloco no bem de fora, como se já existisse uma escolha. Parece que nos é permitido pensar que não há dois “ *isto* ”, mas que há apenas um, que o sujeito incorpora e que algo caia dessa incorporação.

Agora, antes de tentar seguir em frente, fixar ideias, gostaria de lembrar que o sonho de Irma e o comentário que Jacques Lacan faz sobre ele dá a possibilidade de situar essas duas realidades que estou tentando situar,
– ou seja, esse real que o ancestral encarnaria como sendo o que está além e que não se manifesta ao sujeito,
– e esse real que é da ordem daquilo que se manifesta através do fantasma.

X na sala: (Inaudível)

Alain Didier-Weill:

Sim, certamente poderíamos mostrar em relação ao que você diz, talvez o *drama* particular do *psicótico* seja o de não acessar o inconsciente no final, ou seja, de ser fundamentalmente aquele que estaria ciente do fato de não ter conseguido reprimir e do fato de que seu universo seria efetivamente povoado apenas por algo da ordem da *Verwerfung*.

Pode-se pensar que a consciência do neurótico, que não é uma consciência, mas uma má consciência, é uma má consciência na medida em que é produto de um mau inconsciente que não consegue simbolizar tudo e que é esse repouso em o pano de fundo que desperta, que nos impede ou que nos dá insônia, ou que nos impede de reprimir ainda mais.

Para retomar e concretizar um pouco o que eu estava dizendo, podemos ver no sonho de Irma, identificar os diferentes tempos que ali foram ditos.

1ª vez no sonho de Irma, podemos dizer que Freud está fascinado, angustiado com o olhar que pousa sobre ele. O que é específico de Freud, sem dúvida porque é ele, é que ele não responde a esse real...
mas já se percebeu, ... ao

acordar ou ter um sonho de desejo sexual, o que é próprio de Freud é que essa angústia, pode-se dizer esse fascínio, dará lugar à estupefação, do que provavelmente podemos dizer que houve uma castração do olhar fascinante que está sobre ele, uma castração que será operada justamente pela implementação de um além - para além do Princípio do Prazer - e essa estupefação que chegará a angustiar, eu diria que se introduz conforme à dialética do chiste: estupefação e luz, quer dizer que Freud vai fazer uma espécie de chiste, ou seja- quer dizer que vai articular esse significante [S\(A\)](#)

ao pôr finalmente em jogo essa presença que está nele quando tudo se perde, pois sob o efeito desse horrível e agonizante Real que se mostra a ele, ele se dissolve, tudo se perde, e no momento em que tudo vai, bem, ele só encontra algo que se mantém, algo *responde presente* e responde neste caso “ *trimetilamina* ” e responde presente, como demonstrei anteriormente na dialética, após a ocorrência dessa estupefação do “ *Che vuoi ?* ”.

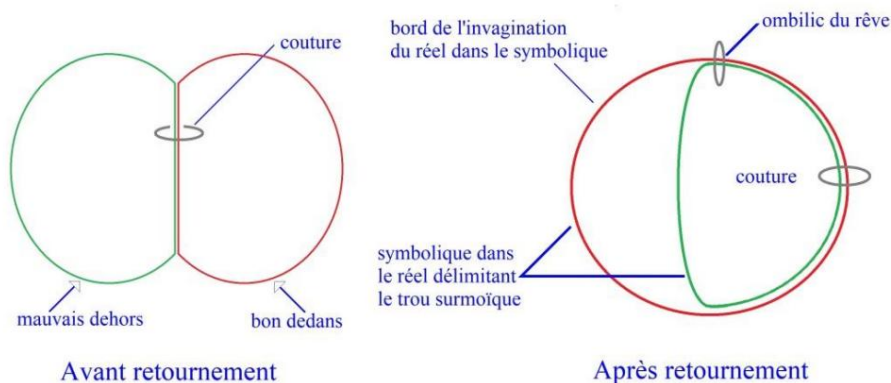
Poder-se-ia dizer que somente esse além poderia responder à ação dissolvente do *pequeno (a)* no Real, na medida em que esse além é o próprio Real do inconsciente.

Eu sei que essa noção, falei dela com alguns amigos que a acham aberta a críticas, talvez seja, talvez seja um pouco sumariamente dito opor 2 reais que manteriam entre eles uma reversibilidade, enfim o importante é que em de qualquer forma o sonho de Irma que todos nós conhecemos, nos permite consertar as coisas da seguinte maneira: esses 2 reais estão particularmente presentes no próprio sonho, no texto do sonho, mas que está em uma pequena nota na parte inferior da página - provavelmente há uma função topológica da nota - bem, esse 2º Real corresponde a uma 2ª lacuna que Freud nos diz para assumirmos de sua princípio do prazer que se dissolve e essa 2ª lacuna é a que surge no umbigo do sonho, onde surge o *pequeno (a)* e a *trimetilamina*, e a *trimetilamina* é a que responde a essa repressão original.

Dessas 2 lacunas que estão nesse sonho de Irma, bem dessa 2ª lacuna, trata-se “ *trimetilamina* ” nessa relação com o 1º Real.

Então para terminar - porque é mais tarde do que eu pensava - gostaria agora de tentar...
aí estão as elucubrações, devo dizer que é algo que abordo com muita humildade, mas parece-me que não é impossível dar conta com as ideias que a noção de *inversão do toro* do seminário do ano passado, de essas duas lacunas, esses dois reais, talvez não seja impossível explicá-los topologicamente.

Devo dizer-lhe que essa possibilidade realmente me apareceu no ano passado com a ajuda de Cantardo Calligaris, na verdade sou bastante tímido em lidar com isso para falar sobre isso de forma sustentada, mas finalmente o Dr. Lacan não desanimou completamente de tentar fazer ele, então eu submeto a você o que ele vai dar.



Então, por hoje, contento-me em desenhar muito brevemente o que representaria...
aqui, vou passar isso para vocês, são dois tori - peguei umas meias - dois tori, - um que representaria esse mítico " *bom por dentro* ", - o outro o mítico " *ruim por fora* ",

em que me permiti fazer 2 furos, e me permiti criar uma costura, uma costura que está lá (veja o diagrama), está lá - é muito ruim - o toro *Ausstossung Werfung*, porque o problema é que eu estou tentando falar de um real que não seria o Real, digamos de que estamos acostumados a reconhecer as causas de um encerramento irreversível, trata-se de tentar ver de que maneira algo do *encerramento* ou da *Werbung* seria reversível.

Aí está, esse " *mal por fora* ", esse " *bom por dentro* ", a inversão, você vai ver...

Eu vou passar isso para você, já está virado, você vê que em verde eu desenhei o que seria o buraco simbólico no Real, em vermelho o buraco real no Simbólico... e você vai veja que se você se diverte manipulando dois desses toros cuja particularidade é ser separada e ligada ao mesmo tempo por dois buracos cuja conexão tomei a liberdade de metaforizar por meio de uma costura, proceder à inversão por invaginação pelo buraco posto em comum, o toro do " *mal lá fora* " na do " *bom interior* ", você notará que depois de inverter os dois tori iniciais se encontram, não mais escancarados um dentro do outro, articulação que o *superego arcaico* talvez se sustentasse ...

é um apoio temporário que me dou

...mas separados uns dos outros por uma torção que, trazendo o buraco real para dentro do buraco simbólico, poderia metaforizar essa nova articulação que seria sustentada pelo 2º *superego* que assim substituiria o 1º *superego* pelo fato da repressão originária o significante fálico, recalcque cuja inversão seria o suporte e que faria passar desse 1º *superego* arcaico ao 2º

Aqui tomo o exemplo da passagem entre o 1º e o 2º *superego*, ou seja, o 2º *superego* encarnaria o que resta do Real do 1º *superego* após a simbolização. O Real permanece, mas de uma forma mais simbolizável, finalmente mais articulado e talvez pudéssemos com o 3º *superego* continuar a operação, ou seja, ir até o ponto de redução última do Real, ver até que ponto a repressão originária consegue desovar no Real, de articulá-lo.

Eu não estou lá. Então eu vou passar essa " *meia* " pra você, você vai ver, se puder...

Bem, vou concluir o mais rápido possível com algumas considerações sobre o significado do Nome do Pai. Quería lembrá-los que antes de Lacan introduzir o problema da metáfora do Nome do Pai no seminário " *As formações do inconsciente* ", ele o introduziu por meio de uma reflexão sobre a função do tédio?

Pareceu-me bastante marcante e no ponto em que estou, pareceu-me que o tédio, pode-se articular em relação ao que tentei dizer hoje que o tédio Basicamente, é isso que acontece quando um assunto não é mais adequado para surpreender, para espanto, sempre falo de espanto no sentido forte, no sentido de *Verbluffung*, de *estupefação*.

Sem ir muito longe, olhe para as crianças cujo renascimento do desejo é incessantemente articulado pelo fato de não conhecerem o tédio: tudo as surpreende. O que faz com que um sujeito perca a capacidade de se surpreender, de se surpreender e de sentir tédio?

No tédio, eu diria, o que nos acontece é que acessamos uma percepção dolorosa da repetição, a repetição se dá a nós pelo viés do monótono e por essa dimensão do monótono, que se produz, se você pensar bem, você vai ver que coincide com alguma coisa...

Peço desculpas por ir um pouco rápido, mas acho que podemos dizer de qualquer maneira ... corresponde a algo da ordem do desgaste da metáfora paterna.

As metáforas se desgastam: veja uma piada, ela faz efeito por um tempo, uma piada se desgasta, uma vez usado, na verdade é monótono. Eu diria que o desgaste da metáfora, o efeito desse desgaste... e esse desgaste ocorre justamente sob o efeito do impacto desses significantes que persistem no Real e que estão corroendo a metáfora ...este desgaste, eu diria que está ligado ao aparecimento de resíduos no nosso universo.

Sem ir muito longe, veja por exemplo um sintoma, o caso que citei anteriormente, o esquecimento de Freud de uma palavra de Signorelli, Freud não conseguiu metaforizar o *significante de alta intensidade psíquica* "Herr", o *Senhor*, e tendo falhado em simbolizá-lo, o que acontece?

Acontece que o que resta é desperdício, e desperdício metonímico porque a metonímia é algo da ordem do desperdício, da contiguidade e é algo que essencialmente não surpreende. Nada menos surpreendente que a contiguidade na medida em que se refere de um ao outro, a outro que nunca se escreve com letra maiúscula.

O desgaste da metáfora, dá para perceber que ela está ligada ao aparecimento em nosso universo de resíduos,

– se esse desperdício é de ordem subjetiva com o que se chama *culpa* ou *pecado*,

– ou que esse desperdício seja mesmo a aparência desse desperdício que é nosso próprio corpo na medida em que nosso corpo na perspectiva desse tédio ou dessa monotonia, o que acontece com ele é que ele pode se colocar às vezes como, eu diria, sujeito a uma lei que seria a lei exclusiva do real, quero dizer a lei da gravidade, com isso quero dizer que quando nosso corpo começa a se manifestar pelo fato de pesar porque só estaria sujeito à lei da gravidade , bem, você tem aí, a acentuação da função desse resíduo que é o nosso corpo, muito pelo contrário, se quiserem, quando o corpo é submetido a esse outro Real que é o do significante que o ilumina, o que significa que você vê certas pessoas andando na rua que parecem não pesar, que parecem uma pena, qualquer que seja o seu peso, é algo dessa natureza e podemos dizer que esse lixo que é o corpo quando começa a pesar , bem, podemos opor a isso

que acontece com o corpo quando de repente se ilumina, se ilumina, por exemplo, numa festa ou na refeição totêmica, ou simplesmente apaixonado, apaixonado à primeira vista, raio, o que representa para o homem esse significante de alta intensidade psíquica que é a mulher, esse significante assombroso, deve-se reconhecer que ela tem o poder, ao despertar o amor - e então o termo desse termo de femme fatale nos faz talvez sentir que por essa fatalidade, o que o homem encontra como fatal, é algo da ordem do significante do Nome do Pai - bem, o que acontece quando se perde a cabeça no amor, ou o corpo é que você se torna tão leve ou iluminado que como se estivesse no limite, como o maníaco, você perde o lastro, enlouquece, não pesa mais nada, perde o corpo, a cabeça.

E então o que eu queria mostrar para vocês é que esse consumo ou esse consumo do resto que é esse consumo do corpo quando não pesa mais, bem, localize isso justamente na refeição totêmica ou nas festas que são estudadas em sociedades mágicas, os restos mortais, correlativamente à incorporação do pai, existe essa cerimônia, pouco retida por Freud, que consiste em queimar os restos mortais.

Tudo da ordem do lixo, mofo é empilhado durante o tempo da vida profana e queimado com a maior precaução durante o tempo da refeição totêmica.

E acho que é algo que nos permitiria articular uma pergunta que Freud faz sem ir mais longe, ele se pergunta o que o faz vivenciar periodicamente a ameaça - ele fala do homem totêmico - a ameaça do desaparecimento dentro dele da força do pai que foi incorporado.

Ele faz essa pergunta, identifica que é por causa dessa ameaça de desaparecimento que a incorporação deve ocorrer, sem realmente fazer a pergunta: o que procede dessa degeneração, por assim dizer, do poder paterno incorporado.

Vou concluir lá lembrando que Freud escreveu " *Totem e tabu* " no contexto...

esta pesquisa sobre o significante do Nome do Pai que é " *Totem e tabu* "

... ele a escreveu como parte de sua diátribe com Jung e a escreveu para romper com Jung e

para romper com o que ele chama de religião ariana.

E Jung estava se perguntando a questão da degeneração da energia vital dos alemães, da raça alemã...

não terei tempo para ir muito mais longe

... a Jung que se fez essa pergunta, Freud responde em parte, como pode, neste texto.

O interessante é ver como Jung coloca o problema.

Jung diz a si mesmo quando o nacional-socialismo eclode, a pergunta que ele faz é extraordinariamente ingênua...

esta é uma questão que é tanto mais surpreendente quanto foi colocada em *um congresso de línguas românicas*

por um analista que pensava estar fazendo a crítica mais contundente possível ao ensino de Lacan, ...Jung se

faz a seguinte pergunta: mas antes da explosão dessa energia extraordinária manifestada pelo nacional-socialismo, onde estava

essa energia incrível?

Ele coloca aí um problema, não de topologia, mas praticamente de topografia, ou seja, diz a si mesmo: se aparece, deve ter sido em algum lugar. Essa é exatamente a teoria dos psicanalistas que elevam o afeto à categoria de significante e que te dizem: quando um afeto aparece, ele deve estar em algum lugar antes de aparecer, tinha que estar em algum lugar, não surge do nada de forma alguma.

Então, para Jung que faz esta pergunta, e de fato você sente que o que está em questão para Jung nesta abordagem é o drama no fundo que representa para qualquer indivíduo o fato de que é o mesmo pai, o mesmo pai morto que está no origem tanto do significante do Nome do Pai quanto do Supereu, desse Supereu perseguidor quase melancólico, porque a incorporação ao fundo que fazemos do pai, o luto que fazemos do pai enquanto ele é ou seria esse indivíduo tolo *por ter nos ferrado melhor do que isso*, é um luto impossível que beira a melancolia.

Temos que conviver com isso, temos que lidar com isso, mas percebemos que não é fácil, para não dizer impossível, e percebemos que na religião totêmica o que acontece é que o significante sabe desde o início o que incorporou: ele é o pai. Digo isso porque deve ser distinguido das religiões de possessão.

Nas possessões ou religiões xamânicas, o sujeito é possuído por um espírito, não sabe qual, só mais tarde a divindade se nomeará e declarará sua insígnia.

Portanto, não é evidente saber quem é o pai incorporado e, de fato, a doutrina de Jung mostra que não é evidente, uma vez que o pai que foi incorporado, bem, não é evidente, que ele de fato teria tido esperar que as descobertas de Chamberlain a tenham localizado do lado das Índias.

Para concluir, termino dizendo que, basicamente, a metáfora paterna tem a função de sustentar uma antinomia que é aquela que consiste em despertar esse excesso de energia de que fala Jung, do qual todas as pessoas que se angustiam com a noção de uma decadência, uma perda de energia, que consiste em despertar um excesso de energia pulsional que transborda qualquer palavra, qualquer nomeação...

é um pouco o *mana* de que Lévi-Strauss nos fala

...e ao mesmo tempo que consiste em não ceder a esse movimento de uma força vital que gostaria de se emancipar, de pertencer apenas a si mesma no frescor de uma inocência redescoberta.

O significante do Nome do Pai funda o excedente pulsional na medida em que não cede ao fato de que o funda e, se cede, vemos a emancipação dessas forças da vida que Jung elogia, das quais os psicóticos experimentam o que nós conhecer...

Artaud, por exemplo, que durante toda a sua vida evoca a presença vital que convive com ele com a nostalgia

de não ser possuído por elas como acontecia no teatro antigo, porque tem consciência dessas forças, as

conhece, mas não pode deixar de articulá-los

...quando não cede, pode acontecer que o sujeito chegue de acordo com o gráfico que é também a maneira como o *falante*

-ser pode trabalhar para usar o efeito da insistência desse excesso apontando-o para o mesmo ponto de onde nele esse excesso

insiste, ao passo que esse excesso originado na falta de significante aceita, retorna a si mesmo e procede à nomeação, à metaforização, portanto, desse sempre novo significante do fato de deixar de não encontrar o ponto em que ele insiste.

Em suma, esta é uma das grandes lições, um dos grandes exemplos que podemos reter de Freud ou de Lacan.

Mas para tomar o exemplo do fato de proferir enunciados cuja consistência não deve ser concedida pela consciência, não deve ser concedida pela preocupação da elaboração secundária de se contradizer, mas pela de não se retirar. E, de fato, o que seria de nosso trabalho se fosse enrijecido por um *superego*?

guardando a *função de espanto*. Então.

15 de maio de 1979

[Tabela de sessões](#)

Lacan: Hoje será um diálogo entre Nasio e Jean-Michel Vappereau.

Nós não somos

Parece que subir nesta plataforma leva quase automaticamente a pedir a vocês, ouvintes de Lacan, indulgência. Porque foi ainda ontem, segunda-feira ao meio-dia, que o Sr. Lacan me pediu para falar com você sobre uma questão que eu havia mencionado a ele. Trata-se da teoria do sujeito do inconsciente.

Se eu tivesse que dar um título a este discurso, escreveria:

" a magnífica criança da psicanálise ".

Enquanto no início do ano meu projeto era estudar a articulação entre o conhecimento inconsciente e a interpretação, aos poucos, à medida que certos desenvolvimentos avançavam, a questão do sujeito tomava conta, tornava-se o problema principal.

Esta manhã, limitar-me-ei a uma sucinta recordação das possíveis abordagens ao conceito de sujeito, ambiente certamente conhecido da maioria de vocês, para depois fazer algumas perguntas.

Vamos dividir este resumo em três partes: – de acordo com a relação do sujeito com o conhecimento inconsciente, – de acordo com a relação do sujeito com a lógica de Frege, – e, finalmente, de acordo com a relação do sujeito com a castração.

EU

Nosso ponto de partida será o da própria psicanálise, constituída por esse fato da linguagem que se afirma:

" Eu não sei o que estou dizendo ".

Se o desejo do histérico é o fundador da transferência, o *" não sei o que estou dizendo "* é o fundador da noção de inconsciente em Freud e da noção de inconsciente como conhecimento em Lacan. Então *" não sei o que estou dizendo ".*

Eu não sei o que ?

Não sei se o que digo é um significante e como tal não se dirige ao falante, mas a outro significante. Ela se dirige ao Outro.

Falo, emito sons, construo sentidos, mas o dizer, ele, me escapa.

Me escapa porque não está no poder do sujeito saber com o que o outro disse, esse dito vai se vincular.

" O significante se dirige ao Outro " significa que ele se ligará a outro significante, em outro lugar, ao lado, depois...

Então não sei o quê?

O efeito da minha palavra em você, no Outro.

E não sabendo o que estou dizendo, estou dizendo mais do que quero.

Em uma palavra, não sei o que estou dizendo porque minhas palavras vão para outro lugar:

– sem o meu saber, dirige-se ao Outro, – e sem o meu saber também, vem do Outro para mim.

Vem do Outro e se dirige ao Outro, parte do Outro.

Ainda há uma razão para isso *" não sei o que estou dizendo "*, é que o sujeito que profere sua declaração...

Insisto: *" o sujeito que afirma..."*

...não é o mesmo quando a mensagem, ou dita, pode voltar para ele.

Não somos mais os mesmos porque no ato de dizer eu mudo.

A expressão *" efeito sujeito do significante "* significa justamente que o sujeito muda com o ato de dizer.

Em suma, eu não sei o quê?

- 1) Não sei que estive ali, sob tal significante.
Que tal dit era o significante, meu significante, o significante do sujeito.
Então lá estava eu, a ponto de não saber.
E esse ponto de não-saber representa o que escapou ao Outro e que se dirige a ele.
- 2) Ao não saber qual é o significante sob cujo polegar me encontrei, ignoro ao mesmo tempo o outro significante ao qual se dirige.
Em outras palavras: não sei - dizendo - que significante me espera.
- 3) Eu não sei quem eu sou.

Em suma você tem:

- de um lado o sujeito fixo, suspenso de um significante, o de seu ato de dizer,
- por outro lado, os significantes sucedendo-se um ao outro,

o assunto, de fato, não está em lugar nenhum.

Repito, porque esta é a conclusão a que queria chegar: o sujeito está no ato, seu ato de enunciar o diz, mas dado que isso vem do Outro e se dirige ao Outro, que tudo se passa entre os dizeres, o sujeito permanece suspenso, perdido, apagado no conjunto aberto de significantes encadeados:

- somos o sujeito do ato e com esse ato, porém, desaparecemos,
- somos o sujeito do ato e não somos³.

Isso é o que se poderia chamar de antinomia do sujeito.

II

Podemos, em primeiro lugar, representar essa antinomia para nós mesmos por meio de um objeto topológico introduzido há muito tempo na teoria lacaniana.

Em vez de definir o assunto, a tira de Moebius nos mostrará.

Mas seria errado identificar o assunto diretamente na fita e dizer ao indicá-lo: aqui está o assunto. Não.

O que nos interessa na tira de Moebius é que sua propriedade de ter uma única aresta muda se for feito um corte mediano (pelo menos é o caso de uma tira torcida por uma única meia-torção). Nesse momento, ou seja, no momento de realizar uma curva fechada (que reúne seu ponto de partida), a faixa propriamente dita desaparece, resulta numa faixa que não é mais uma faixa Moebius.

Não basta, portanto, representar o sujeito no espaço, é preciso também o ato de recortar, de traçar uma curva fechada. *O ato de dizer é do mesmo tipo*, pois o significante determina, divide o sujeito em dois: ele o representa e o faz desaparecer.

Vamos para uma 2ª maneira - lógica, desta vez - de considerar a antinomia.

Para isso, retomemos a análise, há muito estabelecida pelo discurso lacaniano, da relação entre o Um e o zero em correspondência com a relação do sujeito e do significante. Não entrarei nos detalhes da manifestação, foi tratado com rigor por JA Miller em seu texto “ *La Suture* ” [Cahier *pour l'analyse*, n° 1-2, p.39-51, Paris, 1966].

Limitar-me-ei aos pontos essenciais dessa correlação para responder à questão que nos interessa: – como dar conta desse fato teórico de que o sujeito é impossível e, no entanto, nomeado e mais do que nomeado, conta por um (seja mais um, ou um a menos)?
– Como fixar com um significante essa coisa fugaz que é o sujeito?

A comparação com a definição de zero fornecida por Frege é esclarecedora aqui:
é um número com duas propriedades

- por um lado, designa o conceito de objeto impossível, não em relação à realidade, mas da verdade, porque não idêntica,
- e por outro lado – no que diz respeito à sequência dos números – o zero conta como um. Zero é então definido como conceito do *impossível* e como elemento que ocupa um lugar na sucessão digital.

³ Eu pronuncio “ *nós somos* ”. Agora, de acordo com o acima, “*nós somos*” é uma imprecisão. Porque, se digo que o sujeito está em ato, então que ele desaparece em todos os dizeres que se sucedem, fica a pergunta: mas quem *somos nós* ? Digo *que somos*, porque de que outra forma indicar que: “ *não podemos especular sobre o sujeito sem partir disso, que nós mesmos como sujeitos estamos envolvidos nessa profunda duplicidade do sujeito* ” (Lacan).

Da mesma forma, o sujeito, ao ser rejeitado da cadeia significante, não deixa de ser representado por um significante e, portanto, um elemento contábil.

Há, portanto, uma estreita afinidade entre *o sujeito* e *o zero*, ainda mais próxima e importante se considerarmos esta função que lhes é comum: tanto um como o outro assegura pelo seu lugar singular o movimento dos *números de sequência*.

Assim, quando definimos o sujeito do inconsciente como efeito do significante no ser falante, queremos dizer que o desfile de significantes através de nós nos torna uma constante, um zero, uma falta, um pilar da falta que sustentará precisamente o cadeia inteira.

Como tudo isso se desenrola na análise? Não é uma especulação ardilosa?

Que outro objetivo analítico podemos esperar, senão que o sujeito, em uma análise, fale, não para dizer sentido, para significar, mas para significar a si mesmo?

Ou seja, um sujeito fala - aí está o paradoxo - para desaparecer.

Para que ele aja e desapareça imediatamente.

Solicitamos, esperamos que o sujeito renuncie, venha ao Outro, desapareça e ao mesmo tempo relance a cadeia de significantes inconscientes.

O sujeito diz, e ao dizer torna-se sujeito (espaço em branco) e desaparece:

— antes do ato, ele não era, —
depois do ato, ele não é mais.

O sujeito "*ex-siste*" fora dessa cadeia, mas em relação a ela. Neste ponto da demonstração, antes de entrar no problema da castração, vamos já antecipar a pergunta que eu queria compartilhar com vocês: por que, se todo o sistema é significativo, se a ordem é significativa, introduza o termo de sujeito?

Por que Lacan quer manter esse termo onde, em princípio, tudo leva a dizer que não há nenhum?

Agora, já está claro que negar a existência do sujeito, pelo menos do ponto de vista da teoria lacaniana, é *um erro*.

Se você diz: o sujeito está sob o significante, então não está mais, você está cometendo um erro.

O tópico está dividido, então também está na string.

Lacan insistiu em manter esse termo sujeito, mesmo usando-o para distinguir a psicanálise do formalismo.

Mesmo em relação a Freud, ele se apegava ao sujeito.

Há uma citação muito bonita onde, falando da satisfação do desejo...

você sabe que o desejo se satisfaz com símbolo, significante

...Lacan afirma:

" *Freud nos diz : 'o desejo está satisfeito' , enquanto eu estou propondo a você : o sujeito do desejo está satisfeito* ".

Por que ele não se afasta dessa questão do sujeito? Retomando

essa lacuna, essa nuance em relação a Freud, pode-se perguntar se é o conceito de satisfação que o leva a não abandonar o assunto. O sujeito é necessário para que ele fale de gozo ou satisfação?

Na minha opinião, este não é o caminho a seguir:

você verá mais adiante que a relação entre o sujeito e o gozo é uma relação de oposição.

Poder-se-ia dizer, com algumas ressalvas: onde há gozo, não há sujeito.

Não é, portanto, essa problemática do gozo que explica seu apego ao sujeito.

III

Antes de expor qual a problemática que esse termo sujeito vai resolver, vamos direto ao nosso 3º relato, o do tema da castração.

É no quadro da castração que encontraremos em Lacan uma primeira resposta, inspirada no termo *aphanisis* extraído de Jones, ao qual ele se refere na maioria de seus seminários para criticá-lo - não sem admiração. Além disso, certos conceitos importantes da teoria lacaniana carregam o selo de Jones tão fortemente que eu disse a mim mesmo que Lacan ama Freud como seu duplo, mas que é Jones que ele deseja.

Assim, quando Freud escreve: “ o *desejo é satisfeito* ”, ele [Lacan] diz: “ o *sujeito do desejo é satisfeito* ”.

Jones propõe: *aphanisis* do desejo, diz-lhe: não, é a *aphanisis* do sujeito.

Então ele encontrou uma maneira de dizer:

– não é que o sujeito esteja ausente da cadeia de significantes, – não é que não estejamos nos mil e um acontecimentos que se seguirão, – é que o sujeito é, mas como se apagado, que o sujeito “ *tornar-se afanizado* ”, desaparece no Outro.

Se agora nos referirmos à castração e à distinção estabelecida por Lacan há vários anos entre ter o falo e ser, veremos esse conceito *de afanise* cindido segundo o lugar que o sujeito ocupa em relação ao significante ou então ao objeto fálico. .

Não posso entrar aqui no exame minucioso de um ponto que já tratamos em outro lugar.

Vamos apenas nos perguntar, para lembrar, o que queremos dizer quando usamos a conhecida expressão “ser castrado”.

Colocamos três significados para isso.

Em primeiro lugar, que o ser falante só confronta o sexo com dois meios:

- o *significante* (sintoma ou não),
- e *fantasia*,

meios artesanais porque são incapazes de resolver o *impasse do gozo*, entendido aqui como a *inexistência da relação sexual*.

Então, esse recurso ao significante é um constrangimento e uma submissão:

- forçado a uma repetição inútil porque a substituição não é realizada, erra,
- submissão ao termo que ordena essa repetição: o significante fálico.

Ter o falo significa isso, não ter nada e, no entanto, permanecer sujeito à função fálica.

E, finalmente, é aqui que esse trabalho inexorável de colocar os significantes um após o outro ao longo da vida, o sujeito se extingue passivamente, *se afaniza*. Esta é uma das formas de desaparecimento.

A outra forma relativa ao falo depende de uma dimensão muito diferente, a da fantasia, onde vemos desaparecer o sujeito escondido atrás do objeto de fantasia.

Devemos, portanto, distinguir muito sumariamente duas classes *de afanisis*, duas maneiras de não mais estar lá (o que é algo bem diferente de não estar lá): – uma maneira específica da repetição, – outra específica da ocultação.

Vemos assim que a *castração não é*, como se poderia pensar, *uma operação negativa* de eliminação de um órgão.

Ao contrário, castrar é um trabalho de proliferação inexorável de significantes sucessivos.

E, se algo é afetado pela privação, não é o pênis, é o próprio sujeito.

Castrar é decapitar, porque quanto mais os significantes insistem e se repetem, mais o sujeito é menor.

Se agora, para resumir, mudarmos nosso vocabulário e nos perguntarmos novamente: *o que é castração* ? diríamos que é uma iniciação, uma entrada da criança no mundo do fracasso com vistas a aproximar-se do gozo (nem mesmo o conhecendo, apenas o significando), à custa do desaparecimento.

Mais uma vez, chegamos à mesma conclusão: a criança entra no mundo e empalidece.

Voltemos à pergunta que fizemos anteriormente: de que tipo de obstáculo esse termo sujeito nos liberta?

Submeto à sua consideração a ideia de que o *impasse* que Lacan teve de remover: a já muito antiga alternativa de ser e não-ser. Ele tinha que não ontologizar o sujeito, não torná-lo um substrato, ele tinha que, em outras palavras, não grudar na noção de representado.

Era preciso que o sujeito não fosse apenas uma coisa marcada pela representação, o que para um Berkeley traduziria sua famosa fórmula: “ *ser é percebido ser* ” .
e, para nós, por: “o sujeito é o sujeito representado”.

Cabe, portanto, a Lacan evitar esse sujeito-substrato, identificado exclusivamente com uma representação.

Se o sujeito fosse apenas isso, *pura representação*, naturalmente seríamos levados a estabelecê-lo como uma *entidade* absoluta, *substancial* .
Agora, para não cair na rede da metafísica, o assunto tinha que ser diferente.

Lacan, portanto, mantém com uma mão essa noção de representado, mas, para que não seja um substrato, introduz com a outra a noção de sujeito apagado em toda a cadeia. O inverso sendo válido: a necessidade de não fazer desaparecer completamente o sujeito explica o recurso à noção de sujeito representado.

Essa mão dupla, é claro, é o assunto dividido.
Quero ser claro neste ponto: o truque não é tanto ter dividido o assunto...
ele poderia tê-lo dividido em ser e não-ser
... do que tê-lo dividido entre a representação e o conjunto de representações.

Qual é o ponto disso? É porque, assim, ele divide o assunto entre
– o ser representado,
– e, por outro lado, faz irromper em tantos dizeres, em tantos significantes que se organizam em cadeia.
Assim, ele mantém o sujeito e, sobretudo, mantém a cadeia: *a cadeia das representações inconscientes*, ou então *a cadeia dos significantes*.

Insisto novamente no fato de que a divisão do sujeito não é entre ser e não-ser – mas entre um e o
Outro – entre um significante que o representa e o desaparecimento no fio, – ou, para usar
nossas letras, entre S1 e S2 (índice S 1 e índice S 2).

Ora, a solução de dividir o sujeito fugindo desses dois riscos repousa inteiramente na função representativa: um significante representa o sujeito para outro significante. Sem esse conceito de representação, a divisão do sujeito seria impensável, pois é por meio de um representante que o sujeito permanece preso ao sistema.

Mas - e aqui está a pergunta que mencionei a Lacan, e que estou submetendo a você - essa amarração da representação não é muito tênue para manter unidas 2 dimensões tão heterogêneas: – a determinação significante,

– e o efeito de um sujeito ausente?
Como conceber que a representação possa unir – determinação e
rejeição – a causa da abolição e o que é abolido?

Para alguns de vocês, tal pergunta pode dar origem a objeções, algumas das quais podem até ser encontradas no âmbito desta apresentação, ou mesmo apresentadas por mim.
Mas, pelo contrário, prefiro não silenciar a questão e deixar que ela nos guie, mesmo que, mais tarde, sejamos obrigados a refazer nossos passos.

Assim, partindo desse questionamento da representação como divisor do sujeito, parece-me possível, – ao invés de dividir o
sujeito horizontalmente,
– para multiplicá-lo verticalmente em tantos significantes que compõem uma cadeia.
Um assunto em camadas, laminado em suma.

Essa concepção espacial do assunto nos apareceu com a consideração de uma certa classe de *superfícies topológicas*, denominada "*superfície de Riemann*"⁴.
Riemann, cientista e matemático do século XIX, havia resolvido brilhantemente, no âmbito da teoria das funções analíticas com variáveis complexas, o caso anormal de uma função multiforme.

Este é o caso - estou apenas mencionando - de uma variável (relativa a *um número complexo*, por exemplo raiz quadrada de z) à qual corresponde mais de uma função. Para remover o obstáculo de uma irregularidade inconveniente para outros cálculos (cálculo integral), Riemann deixa o campo próprio das funções algébricas e recorre ao espaço geométrico, até mesmo ao imaginário do espaço.

Assim, ele realiza uma multiplicação da variável em tantos valores quantos forem as funções.
Então, em vez de tentar reduzir o número de funções e conceder uma função a uma variável, ele encontra esse mesmo acordo dividindo o valor da variável,
em uma palavra, em vez de diminuir as funções, multiplica as variáveis **5**.

⁴ A superfície de Riemann ou estrutura de variedade analítica complexa é uma das fontes comuns à teoria das funções algébricas e à topologia. Uma das propriedades, que pode nos interessar particularmente no manuseio de objetos topológicos introduzidos por Lacan, é a orientabilidade da superfície de Riemann. Por outro lado, qualquer superfície orientável fechada é homeomórfica a uma superfície de Riemann, é o caso da esfera, do toro, do toro perfurado (com furos p). Para esta última observação, pode-se consultar sem muita dificuldade o segundo capítulo de G. Springer: « *Introdução às superfícies de Riemann* », Reading, 1951.

⁵ É interessante notar que essa descoberta de Riemann está em estreita dependência com sua teoria das multiplicidades (muito marcada pela filosofia de Herbart). Cf. B. Russell, " *Fundamentos da Geometria* ", Gautier-Villars, 1901.

Agora essa multiplicação terá, pelo menos nesta abordagem de Riemann (já modificada), um suporte espacial, topológico. Ele levanta um quadro formado por folhas sobrepostas, cada uma correspondendo a um valor e a totalidade cobrindo o plano dos números complexos.

O número de pisos ou camadas pode, dependendo do tipo de superfície, ir até o infinito. É precisamente essa estrutura que é chamada de “ *superfície de Riemann* ”.

A analogia de uma análise desse tipo com o sujeito é notável para nós.

Por que não supor - mesmo que isso signifique nos repetir - que o sujeito sofre o mesmo aumento, a mesma foliação que Riemann fez sofrer o valor da variável e ainda supor que se o sujeito assim se multiplica na proporção dos significantes que compõem a cadeia, ele acabou se identificando com isso?

Sabemos muito bem que isso significaria libertar o sujeito de qualquer apego ao sistema, já que este sistema se torna um. Sabemos também que existe um nome para designar essa assimilação do sujeito à cadeia: *o sujeito suposto saber*. Sabemos também, como tentei explicar, que não devemos confundir a negação do sujeito com a dependência do sujeito:

- uma coisa é dizer que o sujeito não é,
- e outro que ele fica afanizado.

Tudo isso nós sabemos.

Mas, geralmente, quando os psicanalistas que somos praticam tanto a teoria quanto a análise, esse sujeito escorrega por entre os dedos, raciocinamos e filosofamos como se de fato o sujeito fosse apenas um enfeite a mais, um “ *brincador* ” conveniente no jogo teórico.

Tudo acontece como se fôssemos “ *subjetivistas* ” de pensamento, mas “ *formalistas* ” de coração.

Agora, quando nos propomos, com o apoio da superfície de Riemann, a ver o sujeito folhear e desaparecer, estamos em vias de confirmar essa intuição, ainda melhor: talvez a estejamos questionando como um sintoma ao invés de tentar obstinadamente consertá-lo.

Ficaria então mais claro o terreno para reconhecer facilmente a necessidade de aprofundar *a efetiva afanise* do sujeito, e ao mesmo tempo, como consequência, retrabalhar a dimensão imaginária do *eu*. A partir de nossas formulações sobre o assunto, é todo esse tema do *eu* e da intuição que é oferecido para exame. Se o sujeito permanece confinado à cadeia, como supomos, surge a necessidade de examinar o alcance da autoridade *imaginária* do *eu* e analisar mais detalhadamente sua relação com a intuição.

Em suma, tratar-se-ia de manter viva a pergunta: “quem é o sujeito?”.

- Se usarmos nossa terminologia ao falar de castração, – se em vez do sujeito dissermos o filho, – se em vez da cadeia traduzirmos a lei do pai, – se em vez de simplesmente afirmar “gozo”, acrescentarmos “o prazer”,

– se por fim nos perguntamos quem é esse filho da psicanálise, quem é esse filho magnífico de quem a psicanálise tanto fala para sustentar suas hipóteses, ...devemos então responder que essa criança, esse sujeito, portanto, é quem fala e pensa com as palavras do pai, atraído pelo gozo da mãe.

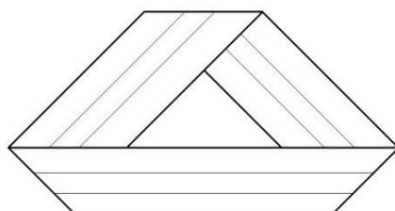
Filho magnífico da psicanálise, nós, seres falantes, somos apenas seres do vento, mensageiros que desaparecem entre o gozo que suga as palavras e o nome do pai que as ordena.

(Este texto foi revisado por JD Nasio)

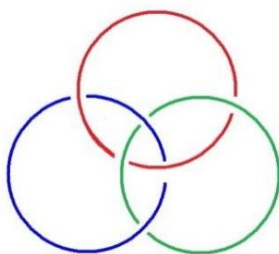
Bravo navio

Não quis interromper o Nasio quando ele falava *da tira de Moebius*, porque acredito que, como no espaço de Riemann, imaginamos que é a partir daí que podemos dialogar. Então vou desenhar *esta tira de Moebius* e você encontrará o comentário sobre o desenho que vou fazer em *L'étourdit* que se encontra em *Scilicet*.

Não pretendo ilustrar este texto e vou usá-lo para responder à pergunta... enfim, digamos, o Dr. Lacan me instigou a falar com você, ele me apresentou os quatro volumes do *Seminário* que estão publicados e me pediu para desenhar algo deles para você, e eu fiz alguns desenhos.



Então aqui está *a tira de Moebius* que Nasio falou sobre o S_1 e S_2 em termos de matemáticas, e vou traçar o desenho do corte de que ele falou muito bem. Aqui está este corte. Se você extrair a tira de superfície que você obtém depois de ter cortado de acordo com a linha azul que é uma linha contínua, você obtém uma superfície com uma única aresta e uma única face, que é uma *superfície Moebius*. E do outro lado da pintura, vou desenhar da outra ponta uma corrente borromeana que eu também poderia colocar uma consistência em azul.



Então é isso, é entre esses dois desenhos que vou tentar falar com vocês sobre os quatro volumes do *Seminário*, sobre dois termos: – antes de mais nada o termo “*máquina*”,

– e o de “*nó*”.

Assim, nestes quatro volumes, as máquinas ocupam um lugar muito importante no segundo, no Livro II. E é bastante óbvio que quando comecei a ler o livro eu, porque apareceu ao mesmo tempo que “*Encore*”... livro XX, eu tinha participado do *Seminário*, fiquei muito feliz de tê-lo, assim, de poder lê-lo ... bem, Livro I, devo dizer que não entendi muito bem o início onde se tratava do Ego, um termo que eu não conhecia porque não é, digamos, um lugar de onde eu venho, então esperei um pouco e é apenas sobre essa questão do além da psicologia que me interessa.

Agora, esta questão é desenvolvida no *Seminário* em termos *do Imaginário* e *do Simbólico* que, inicialmente, proponho considerar como sendo as 2 fases da banda bipartida que estão aqui de cada lado do azul, porque devem perceber, quer por cortando-a, ou desenhando-a, que obtemos na faixa de Moebius, obtemos assim uma faixa bipartida, ou seja, separamos a faixa, não em duas partes, qualquer, mas em duas faces.

Vou colori-los para você: aqui está um verde, aqui tem uma torção, depois vai ter o outro lado, mas é verde de novo que reaparece ali, e mais verde se eu continuar, aqui vai ser o do outro lado, aqui está o verde que reaparecerá ali. E depois tem uma parte que eu pinto de vermelho que é o verso do verde.

Então é sobre essa banda, se eu sugiro a vocês tentando ficar bem próximo do Livro I do *Seminário*, percebi que a parte que dizia respeito ao azul era o Real. Então, no final, é muito estranho apresentar coisas assim, porque é uma representação franca.

Mas no Seminário, Livro I, acontece realmente que é uma questão do Real em conexão, me pareceu, com a *Verneinung* de Freud, comentada por Hyppolite, e é assim que relaciono a isso o da senhora Lefort apresentação sobre estes dois termos “ *O lobo! O lobo!* ”.

Tudo bem, mas vamos às “ *máquinas* ”.

O *Seminário* seguinte, *Livro II* desenvolve, parece-me, aí esta questão das *máquinas* que fiquei muito surpreso ao encontrar sob esse aspecto, na medida em que os havia estudado como *autômatos abstratos* entre os matemáticos e depois que tive a ideia do que poderia ser uma máquina, embora não se pense com frequência suficiente que uma polia ou um dedal é uma máquina. E o que eu gostaria de abordar é falar sobre *máquinas* que são um pouco diferentes umas das outras e falar sobre o *nó* e as *cadeias* como *máquinas*.

Então, se me ateno por um momento ao tempo deste *Livro II* do *Seminário* do Dr. Lacan, se me ateno a máquinas matemáticas, máquinas recursivas - que produzem uma repetição de determinada operação o tempo que quisermos, - que têm limitações,

– e que não levaram em conta as línguas naturais,
...bem, essas máquinas têm uma cabeça de leitura ou escrita, bem, eu acredito que você não deve se preocupar muito com a cabeça ou apenas com a cabeça.

Matemáticos e lógicos, o problema que eles colocaram com esta cabeça é saber se ela passa por diferentes estados: chamamos isso de estados da máquina e notamos que S1, S2, etc. Agora me serviu muito de analogia, no começo, para seguir o programa, a gramática dessa cabeça.

Mas eu rapidamente tive que dividir essa cabeça e agora – percebo
perfeitamente que o que está na frente da cabeça é o que se chama “*a máquina de fita*”,
– Tenho plena consciência de que é preciso cuidar da fita.

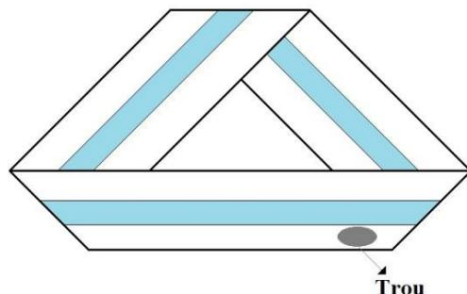
Apenas as fitas nas *máquinas Moebius* - não exatamente: *não Moebius, mas Turing!* - não têm torção, ou seja, são máquinas necessariamente lineares, e com essas máquinas nunca conseguimos fazê-las fazer outra coisa senão o que sabem fazer, mas que encontram - tão logo as restrições - um limite:
quer dizer que o limite está do lado do infinito, quer dizer
que é preciso conectar, para dar conta das linguagens naturais, parece, uma infinidade de máquinas, umas ao lado de outras, para conseguir obter eles a fazer - o que? - pode-se perguntar...

Mas do lado da fita, você tem que estar interessado na fita como uma máquina,
e já é um palco como o que desenhei aqui.

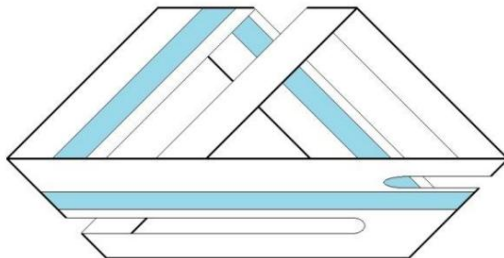
E você pode ver claramente que não basta montá-lo com um único desenho, você tem que transformar, você tem que fazer essa máquina funcionar.
É uma etapa das máquinas, portanto.
E me parece que com isso poderíamos fazer alguma coisa.

Então, como estou seriamente interessado nessa banda com suas reviravoltas e seus buracos, vou desenhar outra representação dessa banda com um buraco e mostrar uma pequena maquinação bastante surpreendente, bem, mostrar os dois termos porque leva muito tempo para fazer desenhos intermediários e é um exercício e tanto.

Então é, por um lado, essa fita na qual eu faço um furo.



Se eu fizer um furo aqui e estender esse furo a ponto de alargar as bordas desse furo, eu recebo isso.
Vou desenhar aqui bem grande.
Ou seja, eu faço o furo do furo central na borda do furo e vou colocar a parte azul de volta. Então.



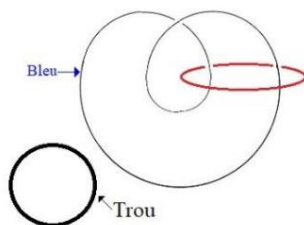
Bem, esta figura, na qual podemos transferir o vermelho e o verde, verifica-se que essa figura é o que é chamado de interseção de tiras, se recortarmos a parte azul que colori, obteremos uma encruzilhada de bandas dividida duas vezes e que vou endireitar.

Então esses objetos que eu desenho têm propriedades e acontece que, quando eu leio, eu tento desenhar do conjunto de figuras de um certo número de objetos que eu já desenhei, eu tento desenhar deles e ver se o que eu desenho ler dá algo, responde ou ressoa com os desenhos e os problemas que aqui são problemas de superfície.

Mas nunca funciona por muito tempo.

Isso, eu acredito, é uma constante, uma constante dessa forma de fazer as coisas, que é que cada vez você chega em um momento em que as coisas parecem insuficientes. Mas o que eu gostaria de tentar dizer é que há um salto, porque já se começou a operar outra máquina, quando se abandona um determinado tipo de máquina.
E não devemos procurar empurrá-los ao extremo, ou seja, a lugar nenhum.

Por exemplo, vou mostrar para você nesta figura:



Já existe o desenho das bordas e posso me interessar pelas bordas.

Mas o que essas arestas vão me dar?

Bem, eu vejo aqui que há um buraco.

Agora o buraco, se raciocinamos sobre o buraco, a borda do buraco, imaginamos muito bem que é independente, completamente independente das outras bordas que estão nesta superfície, porque podemos ver claramente aqui que é independente do parte azul e a outra borda externa vermelha. Aqui podemos ver claramente que a borda deste buraco negro é completamente *independente*. Esta pequena pastilha, não é atada.

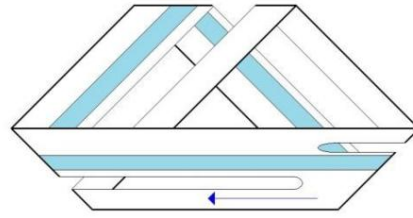
Consequentemente, posso, no entanto, desenhar a parte azul e a parte vermelha: – a parte azul, será um oito interior sobre o qual uma consistência é amarrada em vermelho,
– a parte azul é a borda da *tira de Möbius*, que é desenhada na *tira de Möbius* e a borda do buraco é um círculo preto.

Então eu tento mostrar assim uma jornada que falha e depois recomeça sucessivamente...

No Livro II, onde se trata de máquinas, em conexão com o Seminário, tentei aplicar essa máquina, isto é, essa, essa encruzilhada de bandas, ao sonho que Freud tem sobre 'Irma e do qual o Dr. Lacan começa.

Assim efetivamente situo o movimento do sonho e percebo que efetivamente no comentário se pode acompanhar com muita precisão Freud que se afasta, que se afasta com Irma.

Então ele sai, ao invés de ficar na faixa ali, que é atravessada pela parte azul, ele pega uma rampa aqui, ou seja, no cruzamento ele vai desviar do trajeto normal da faixa azul.



« Rêve d'Irma » : trajet de Freud

E você vê que ele vai ser arrastado para baixo da fita.

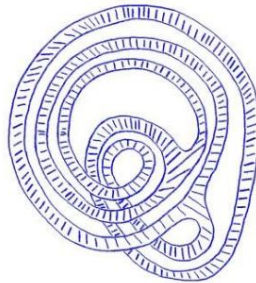
Mas é aí que ele vê a boca de Irma aberta e a observação que foi feita no Seminário foi que naquele momento ele deveria ter acordado, mas não acorda.

Então o que eu me perguntei?

Eu disse a mim mesmo: o que é que ele não acorda?

E trabalhando essas tiras por um lado, e também sonhando, consegui situar o despertar do lado da torção, ou seja, parece que nesse desenho Freud não encontrou nenhuma torção.

Então, eu queria mostrar a vocês como, se cortarmos essa tira ao longo de suas três bordas, que eu vou terminar de colorir, se cortarmos essa tira, podemos ter sucesso em apresentá-la assim, podemos ter sucesso em apresentá-la assim sem torcer, c é dizer que você imagina a complexidade de montá-lo diretamente por transformações contínuas.

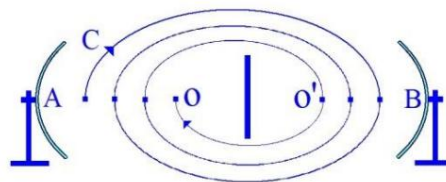


Então é aí que eu tenho que fazer um pouco de matemática.

O que eu queria dizer com fazer matemática naquela época era buscar meios intermediários que me permitissem justificar essa transformação, que encontrei porque estava trabalhando com seus objetos.

Então eu coloco a tira em sua plenitude, não há mais nenhuma torção e é uma verdadeira espiral.

Agora parece-me conseqüentemente que tudo isso se aplica muito, muito bem aos problemas da análise, ou seja, essa espiral sem torção, digo logo que não acredito que seja uma psicose, diria que tem algo da ordem da análise em um primeiro diagrama que achei bastante evocativo no Livro I do Seminário, durante a última reunião onde o Dr. Lacan nos ofereceu um diagrama da análise que é datado deste período do Livro I do Seminário.



Então você vê a questão que está sendo trabalhada, é que tem uma parte de ilustração, tem uma parte matemática que eu preservo e que na minha opinião, não é essencial desenvolver de outra forma e eu vou tentar explicar sobre isso falando precisamente do Livro XI, que retoma...

na minha opinião, finalmente como eu li
...Livro I.

Pareceu-me que era um desenvolvimento análogo, mas o Livro XI trata de uma grande quantidade de matemas, de escritos matemáticos que, portanto, correspondem a outra ordem do que Nasio estava dizendo antes, o que não é topológico, mas então falando de lógica com o zero de Frege, essas coisas estão muito presentes, essas maneiras diferentes de abordar uma questão, se queremos nos ater a isso, seja com bandas ou com escritas.

E é em torno desses termos que nos voltamos.

Bem, eu diria que o Livro XI em que há muitos matemas que surpreendem os matemáticos porque eles não entendem nada sobre isso, você tem que ser um pouco lógico para seguir isso e eu acredito que com correntes e nós, conseguimos nos curvar a eles particularmente bem.

Então é por isso que vou pular para o Livro XX que me parece extremamente denso, muito conciso, mas no qual é sobre essa falha compacta que os matemáticos podem ler, e reconhecer aí a definição completamente correta do que conhecemos como compacidade.

E acredito que podemos remeter essa falha compacta ao que dela emerge, percebendo que, por exemplo, ela se refere ao Seminário XI, se o lermos, no exato momento em que a rede do significante é apresentada no capítulo imediatamente anterior, que se chama " *O inconsciente freudiano* " e onde Lacan...

depois de ter falado de Lévi-Strauss e de " *O pensamento selvagem* ", ...diz que há algo um pouco diferente do pensamento mágico, é a descontinuidade.

Então deve fazer os matemáticos rirem ainda mais, descontinuidade, falar de descontinuidade naquele momento, justamente porque a topologia é precisamente definida por funções contínuas.

Então isso pode parecer extremamente difícil e ainda assim eu acho, em termos do ensino de Lacan, que é desenhar, justamente para evitar minha matemática como *prática de escrita*, que *nós* e *correntes*, que traz algo precisamente, e que deve ser diferenciado de as superfícies que desenhei aqui no tabuleiro que, essas superfícies, são máquinas que ainda são esboçadas em relação às cadeias que são máquinas, eu diria, mais consistentes, que podem ser praticadas de maneira muito simples, pois os dados são máquinas:

you pode jogar os dados, você também pode jogar as correntes, borromeanas ou não, no chão, pegá-las, pegá-las de volta.

Mas eu sou da opinião que desenhá-los, quando você consegue desenhá-los, produz constrangimentos estruturais que podem ser melhor seguidos do que com a manipulação do modelo físico.

E venho aqui discutir esse termo de modelo, porque, se evoco - essas máquinas por

um lado,

— e matemática por outro lado, é um critério

para poder construir em matemática o que chamamos de modelos.

E aí eu digo que não se trata de modelos porque finalmente eu desenho...

aqui até desenhei meio sem jeito

...mas para isso vou propor a vocês justamente o seguinte fato: não são modelos porque o Dr. Lacan empurrou o trabalho de escrita de matemas a ponto, em " *Encore* ", de produzir algo para nós...

ele pode não dizer isso neste seminário, mas um pouco mais tarde

...que outra pessoa já tinha notado e é neste caso o " *Não-tudo* ".

Agora, de fato, se estudarmos matemática — isto é, a

questão da teoria da matemática — ou seja, a questão da teoria dos

modelos, — da teoria dos conjuntos na linguagem do cálculo dos

predicados, não Se não entendemos nada do " *Não-tudo* ", nunca o descobrimos,

pois todo o caso é feito para que justamente com o *tau* [y] de Hilbert as coisas não apareçam.

Consequentemente, devemos ter outra ideia do que estamos procurando para encontrar o “não-todo” na teoria dos conjuntos e no cálculo de predicados.

Mas está perfeitamente articulado e é com esse argumento que conseguimos produzir algo.

Agora digo que depois - neste seminário XX - depois de ter articulado precisamente em relação ao matema o limite sobre o qual o matemático que calcula os predicados não é obrigado a saltar, bem, encontramos as *cadeias*, ou seja, chegamos de volta às *máquinas*, deixamos esses modelos e a teoria ainda mais mecanizada dos conjuntos e voltamos às máquinas muito mais simples.

E são máquinas muito mais simples que me parecem ter interesse em serem praticadas.

Então vou dizer: o que há de tão especial nessas correntes, para finalizar?

Voltando à pergunta que Nasio fez com a questão do Um e do Outro, eu diria...

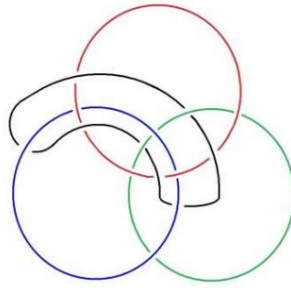
responder também a esta questão da representação da representação ou do Nada

...que, se eu desenhar uma corrente em 4, se eu desenhar uma corrente *borromeana* em 4, bem, existem 3 círculos...

e isso, o Dr. Lacan diz muito bem nos seminários que apareceram no *Ornicar*

...há 3 círculos que designarei um em azul como na figura anterior, ou seja este, outro em vermelho e um terceiro em verde.

Se se corta um dos três que são coloridos, ficando o quarto preto, os outros dois coloridos estão livres, portanto *estão atados*... apresentam algumas analogias com a *estrutura borromeana*, ou seja, se se corta um dos três, qualquer um dos três, os outros dois são gratuitos.



Mas o que acontece na estrutura borromeana?

Acontece que o 4º está implícito ...

diz Lacan algures mais tarde, nos Seminários que se seguem

...º quarto está implícito, bem, a questão é saber o que mantém os três juntos.

Cada um dos 3 tem o 3, cada um dos 3 tem o outro 2, pode-se dizer, mas pode-se até dizer que tem o 3.

Mas nada - mas então caímos no misticismo? - nada, mas é um nada que conta, ou seja, um vazio, porque não se trata de representá-lo aqui por uma quarta

Aqui, direi que o 4º é auto - explicativo.

Aqui o 4º é explícito, eu chamo de S, aqui o que detém os três?

É a estrutura borromeana que faz isso, que os mantém juntos, é uma ninharia que conta.

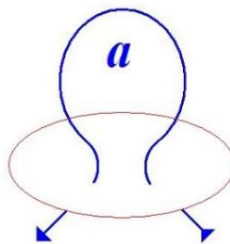
É assim que eu diria esse efeito de nodalidade - é assim que eu vejo ou como eu digo, esse efeito de nodalidade permite, a meu ver, fazer jogar algo que não é representável e não pode ser esgotado por nenhuma máquina, ou seja, é uma máquina.

Mas, por outro lado, é a própria máquina que se pratica, ou seja, que está ao alcance da mão e que é, na minha opinião, algo como...

para evocar o lugar do Seminário onde, pela primeira vez, a nodalidade aparece

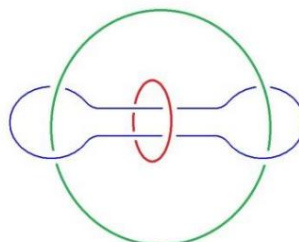
...é algo como tiro com arco.

Ou seja - tomo essa referência do livro XI, o Dr. Lacan apresentou a pulsão nesses termos fazendo esse desenho sobre uma borda - bem, é a ida e volta da pulsão que contorna o (a).



Esta é a primeira ocorrência de nodalidade nos desenhos do Dr. Lacan.

Veja como fiquei impressionado ao encontrar outro desenho que nunca é comentado, que apresenta exatamente essa aresta e esse circuito.



Aqui ainda se trata de uma cadeia de 3 com *uma consistência* que passa por um buraco, enfim, que considero como um buraco e que passa a ser uma cadeia borromeana. Agora eu gostaria de dizer que o recurso a esses números, a pergunta que me faço, é precisamente se se trata da ideia de ensinar ou de poder discutir, é exatamente que tipo de trabalho de cenário deve ser feito para ter sucesso em fazer algo com ele?

Ou seja, parece-me que de fato existe...

Eu sempre fui guiado apenas por isso

... havia algo em ação no texto dos Seminários, ou seja, que o Dr. Lacan estava escrevendo ou falando...

isso é o que eu chamaria com prazer de " máquina de *escrever*

", porque finalmente dá algo escrito

...bem, ele falou, digamos, de forma material e consistente.

Que ele conseguiu desenvolver máquinas diferentes até encontrar a cadeia Borromeu que agora... que pode ser fabricada para quê? Funcionar, e naquele momento, com essa máquina que, me parece, quando você a pratica, dá efeitos, sobretudo garante, eu diria uma consistência material muito grande ao discurso, ou seja, que 'permite você a tomar medidas na leitura e na escrita, por um lado...

e eu entendo isso em um sentido muito amplo

...permite fazer cursos, pequenos cursos mecânicos que falham.

Mas é exatamente como na *interpretação de um chiste*, ou seja, quando a estrutura não se esgotou, quando a análise de um chiste, não esgotamos, mas temos de certo modo a impressão de que temos secou, deteriorou-se, o brilho desta lâmpada que é o *chiste*.

Bem, com a estrutura aqui, você pode fazer as correntes funcionarem, você pode trabalhar as correntes, mas você nunca vai esgotar, você nunca vai dizer o que está no presente caso na corrente em 3 e se não se trata de representá-lo e acho que não é nada, pois mantém as cadeias unidas e você se vê confrontado com a materialidade da cadeia.

Então aqui o que me parece importante é que com o último desses seminários, quando chegamos à nodalidade, que eu reconheço como tal, bem, não se trata de continuar em um movimento infinito de constituição de uma máquina, porque aí encontramos um máquina que não esgotamos, parece-me, que está no espaço, estrutura o espaço de tal maneira que não esgota nem pode esgotar o 'espaço'.

Então, em todas as etapas anteriores, era constantemente essa estrutura que se recuperava, o que fazia com que as diferentes máquinas que precisavam ser operadas se recuperassem.

E o que isso nos ensina é que temos que fazê-los funcionar, ou seja, não é só olhando para eles que podemos aprender alguma coisa.

Então do lado da escrita matemática, devo dizer que pratiquei muito cabalisticamente a ponto de ler Bourbaki, ou seja, para terminar, eu diria que há uma reviravolta nos escritos matemática muito difícil, parece-me que os espaços em camadas a que você se referia são muito difíceis, até inimagináveis, mas acho que não temos uma garantia melhor de estrutura.

Do lado de uma coisa que pode se inscrever matematicamente no cálculo de predicados, se lermos a questão do "não-todo" como Lacan a articula no Seminário " *Encore* ", vemos que mesmo no cálculo de predicados- trata-se de um modelo – os espaços laminados, você não deve recorrer a eles como modelo.

Bem, isso foi bem difícil.

[Tabela de sessões](#)